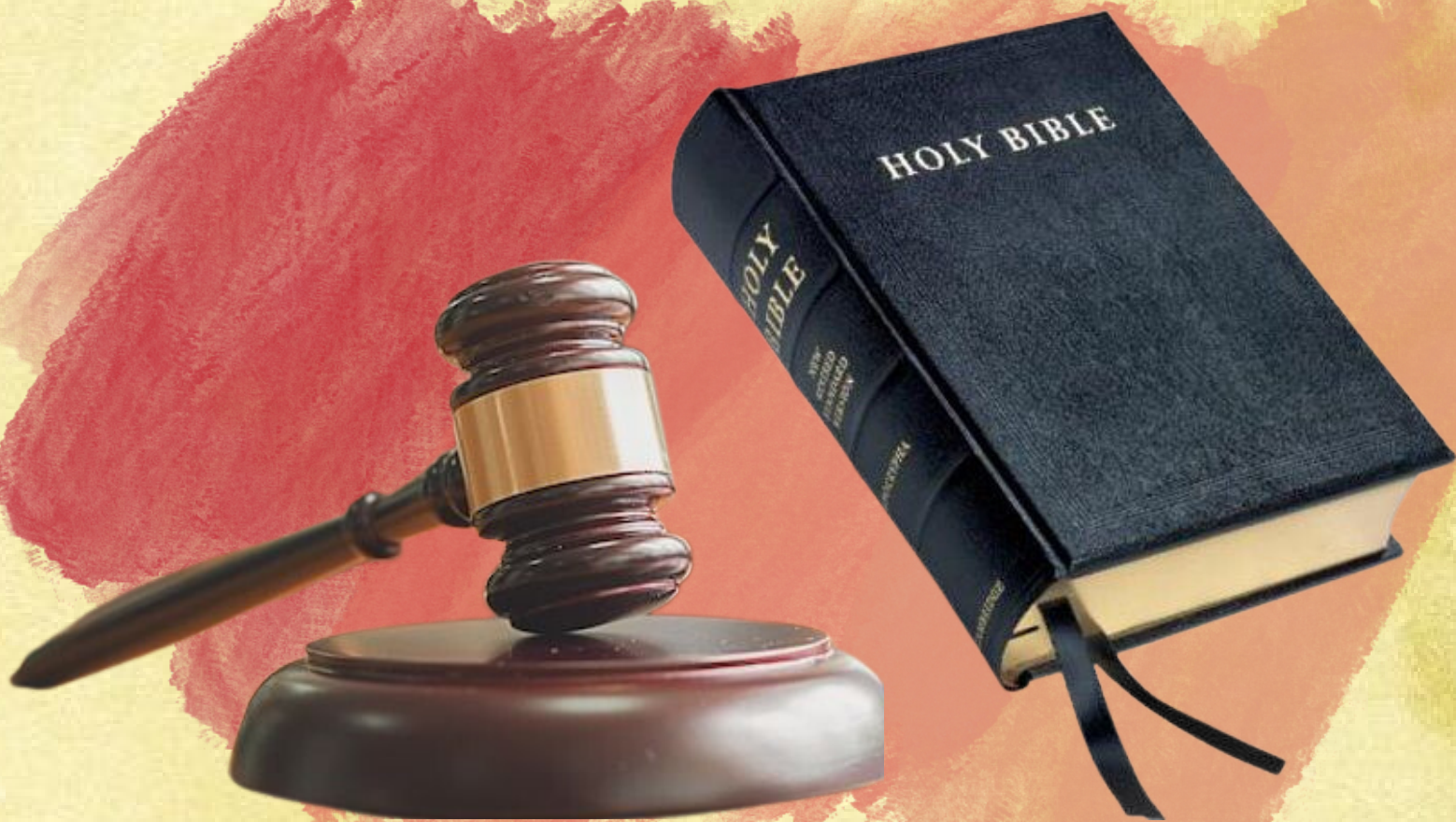


# ÉTICA CRISTÃ



**Seminário  
Casa de  
Profetas**



## SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
- INTRODUÇÃO	03
- 1 – CRISE DA FILOSOFIA?	05
- 2 – INCOMPREENSÃO SOBRE FILOSOFIA	07
- 3 – O QUE É FILOSOFIA?	09
- 4 – ÁREAS DA FILOSOFIA	14
- 5 – CONTEXTOS, CONCEITOS E DIFERENCIAÇÕES ENTRE ÉTICA E MORAL	16
- 6 – QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA ÉTICA	23
- 7 – ABORDAGENS ÉTICAS	25
- 8 – ÉTICA CRISTÃ	27
- 9 – PRINCÍPIOS QUE REGEM A ÉTICA CRISTÃ	29
- 10 – QUESTÕES ÉTICAS CONTEMPORÂNEAS	30
- CONCLUSÃO	64
- REFERÊNCIAS	65

## INTRODUÇÃO

Na busca pela compreensão acerca da ética, partimos de uma pressuposição negativa, de que não há uma definição geral universalmente aceita ou pacificada sobre o que é ética. Se não há um conceito definitivo, o que podemos chamar provisoriamente de *ética*? Em tempos em que a palavra *ética* está presente em títulos como *Conselho de Ética do Senado* e *Conselho de Ética da Câmara dos Deputados*, ela realmente vai gerar certa desconfiança. Seria a ética compreendida como medidas reguladoras de categorias profissionais, como por exemplo: *ética médica, ética pastoral, ética jurídica, ética profissional*? Ou ainda associada aos termos *ética de grupo* e *ética pessoal*?

Se conceituar já se constitui em missão difícil, como determinar se há diferenciações e quais seriam essas diferenciações entre *ética* e *moral*? E ainda como a ética é aplicada na vida individual e coletiva? Buscaremos responder a essas questões ao longo desse curso – entretanto – muitas lacunas ficarão em aberto, o que não é de se espantar, já que a ética e a moral possuem fontes instáveis, como a filosofia, a religião, a fé, o direito, a tradição, a cultura e os costumes.

Ainda que nossa abordagem abarque questões tradicionais da ética e da moral, devemos considerar que vivemos um período de *encruzilhada histórica* onde é possível avistar no horizonte os ventos de mudanças que virão afligir o frágil século XXI com seus personagens e figurantes. As redes sociais se destacam como protagonistas ou lugares privilegiados desses novos tempos e mudanças. Elas encolheram distâncias e geraram inúmeras possibilidades de criação de outros mundos fictícios com diversificados tipos de relacionamentos virtuais. Entretanto, a despeito dos benefícios, as redes sociais promoveram a falsa sensação de totalidade do conhecimento e a manipulação de informações e notícias sem precedentes históricos. Conforme o escritor italiano Humberto Ecco, *as redes sociais deram voz a uma legião de imbecis*. As características mais acentuadas da imbecilidade digital são as propagações de postagens de *racismo, violência, ódio, pós-verdade e fake news*. Essas questões se dão por uma ausência ou fragilidade de uma ética das redes sociais, tema que já vem sendo pesquisado atualmente; e também pelo fato de que diante das possibilidades de uma nova vivência virtual, o indivíduo desloque a ética para o mundo real e faça do mundo virtual uma espécie de *expurgo da realidade*.

Não se pode desconsiderar que mudanças sociais, econômicas, culturais, religiosas, tecnológicas, bem como catástrofes e pandemias produzirão novas possibilidades, que por sua vez produzirão novas cosmovisões, ou visões de mundo, o que, inevitavelmente, produzirá novas compreensões éticas e juízos morais tanto no plano individual como coletivo.

A discussão desses e de outros temas comporá nossa ousada (ou impossível) proposta.

Meus pressupostos sobre a ética:

- 1) A ética visa sempre o bem, tanto individual como coletivo;
- 2) Moral e Ética estão interligadas, porém, são distintas;
- 3) *Ética de grupo* não é necessariamente o mesmo que *Ética*;
- 4) A ética não visa à defesa de comportamentos profissionais;
- 5) A religião é uma das fontes da ética, não a única;
- 6) Ética é um tema sensível e com inúmeras variantes;
- 7) Deus é a fonte de toda ética, mas seus intérpretes nem sempre;

## 1) CRISE DA FILOSOFIA?

Houve um tempo em que a Filosofia ditava a intelectualidade no mundo. Prova disso é que os fundamentos das primeiras ciências foram lançados por intermédio da reflexão filosófica. Da Filosofia surgiu a *Matemática*, a *Física*, a *Biologia*, a *Química* e a *Astronomia*. Também é inegável a influência filosófica no direito, na política, na literatura, nas artes em geral e na economia. Filósofos eram reconhecidos como grandes sábios e intelectuais.

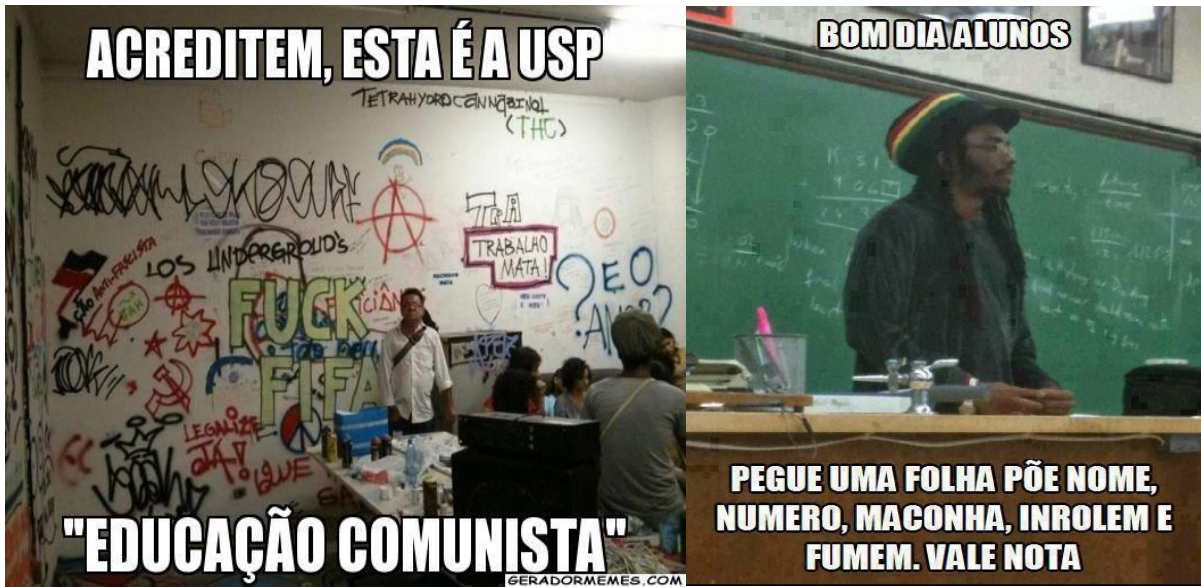
A filosofia não perdeu a sua relevância, no entanto, há uma deterioração da sua imagem e da imagem do filósofo. Grande parte das críticas a respeito da Filosofia e do filósofo, justificadas ou injustificadas, partem de pessoas que não conhecem a Filosofia, e obviamente, não são filósofos.

Partimos do princípio de que para depreciar é necessário primeiro compreender corretamente o que é aquilo que se deprecia, e por mais contraditório que isso seja, ao adquirirmos a compreensão, geralmente deixamos de depreciar. As imagens *Estereótipo do filósofo (I, II e III)* representam bem o que é a crítica pela crítica através da construção da imagem pelos meios de comunicação, principalmente pelas redes sociais. Certamente nem todas as críticas são descabidas ou desprovidas de verdade, e em grande parte, as críticas dirigidas à Filosofia e aos filósofos, foram construídas por posturas dos próprios filósofos. Vejam as imagens *Estereótipo da Filosofia* (figura I, II).

As redes sociais deram ao indivíduo a falsa ilusão do conhecimento total e da total liberdade em opinar sobre qualquer coisa que lhe convenha. Diante da presunção de conhecimento, e para afirmar essa presunção, nada melhor do que atacar pessoas que gastaram anos se preparando. É o conhecimento *miojo*, e a falsa sensação de segurança das redes sociais, que dá ao indivíduo a intrepidez para contradizer e depreciar filósofos, economistas, juristas, médicos e cientistas. As receitas caseiras e milagrosas dos grupos de WhatsApp são mais bem recepcionadas e tem mais credibilidade do que as prescrições científicas, assim como as *opiniões* dos *youtubers* tem mais valor do que as *análises* dos especialistas.

Para o processo de conhecimento e reconhecimento do que é a Filosofia, iniciaremos com o que ela não é, para em seguida abordarmos o que ela é e qual a sua finalidade.

Figura 1 – Estereótipos da Filosofia



## ANATOMIA DO FILÓSOFO

*Filosofus inutilis*

### Professores em geral



Olhar cansado, cabelo e barba desleixadamente crescidos, tudo isto contribuir para dar o aspecto de que é um ser pensador...

Posição pensador. Estudos comprovam que quando esta posição se verifica, grandes quantidades de vinho são ingeridas e o animal não gasta quase calorias. É de facto um ser trabalhador!

Vinho. Sempre ao lado do bom filósofo. Ninguém sabe onde arranja dinheiro para o pagar...



### Professores de Filosofia



Eplanada do Café. É o habitat natural deste ser, que tem actividade (se é que se pode chamar isso) diurna, depois do meio dia (que é quando acorda). É aqui que se debruça sobre temas essenciais para o bem estar da humanidade como a "essencia da revolução do conceito espiritual do ser..."

RECONHECER 21/7/2002

Fonte: Imagens do Google

## 2) INCOMPREENSÕES SOBRE A FILOSOFIA

Para o senso comum, a filosofia pode estar relacionada a uma série de coisas distintas:

- 1) **Filosofia de vida:** essa é talvez a mais conhecida. Nessa compreensão a Filosofia é vista como um conjunto de ideias, condutas, normas e atitudes presentes na vida de um indivíduo ou de um grupo, e que regem o modo como eles vivem e se relacionam. A *filosofia de vida* é também associada a forma como cada indivíduo ou grupo constrói o seu sistema de valores. Essa *filosofia de vida* seria construída a partir da realidade social, econômica, religiosa e cultural dos indivíduos, com o sentido de um *estilo de vida*. Apesar da popularidade do termo, isso não é Filosofia em si, e sim um conjunto de hábitos, escolhas, inclinações, desejos e ações de uma pessoa;
- 2) **Pensamento livre:** outra incompreensão é a associação entre Filosofia e *pensamento livre*, ou seja, de que qualquer forma de pensamento, estruturado ou não, racional ou não, é Filosofia;
- 3) **Filosofia como poesia ou literatura:** frases de efeito não são Filosofia, assim como belos poemas ou romances também não. Isso não impede que um poema seja construído a partir de uma postura ou reflexão filosófica, ou que uma reflexão filosófica seja construída sob a métrica poética. Filósofos podem ser poetas, assim como poetas também podem ser filósofos, mas a poesia simples e pura não é Filosofia;
- 4) **Pensamento abstrato ou viagem (verbo):** o pensamento filosófico não pode ser compreendido como um pensamento ou reflexão irracional e sem sentido. A reflexão filosófica é baseada em fundamentos racionais, críticos e lógicos;
- 5) **Filosofia é marxismo:** uma última associação muito comum em nossos dias é que *Filosofia* e *Marxismo* são a mesma coisa. O marxismo é fruto do pensamento filosófico de Karl Marx e Friedrich Engels, mas não é a Filosofia, pois ideologias de qualquer vertente podem surgir, ou não, de questões filosóficas;
- 6) **Filosofia e ociosidade:** não se pode negar que a ociosidade, compreendida como preguiça, vadiagem ou falta de disposição é nociva tanto a saúde do indivíduo como ao tecido social. No contexto filosófico greco-romano onde os escravos e os miseráveis do povo é que trabalhavam, a

ociosidade era desejada pelos nobres e filósofos como um momento de criação, reflexão, recomposição, arte e lazer caracterizado pela ausência de outros afazeres. Modernamente o ócio foi defendido por Paul Lafargue, com o livro *O direito à preguiça* e também por Bertrand Russel com o artigo *O elogio ao ócio*. Na visão desses filósofos modernos, o trabalho é necessário, porém, não deve se constituir no *objetivo de vida* de um indivíduo, que deve também prezar pelo tempo livre como um período de ampliação de conhecimentos e de capacidade de reflexão, sendo denominado como ócio criativo. Esses autores estão se opondo não ao trabalho em si, mas ao conceito moderno de *workaholics* (viciados em trabalho), que é a prática do trabalho como um vício, compulsão ou dependência, em que o *workaholic* não consegue se desligar do trabalho mesmo em seu tempo livre.

São esses e outros estereótipos que conduzem a compreensões errôneas sobre a Filosofia. Como afirmamos anteriormente, muitas dessas incompreensões e estereótipos se justificam nas ações e posturas dos que se dizem filósofos e se rendem a posturas estéticas preconcebidas ou a agendas intelectuais predeterminadas.

### 3) ENTÃO O QUE É FILOSOFIA?

De acordo com Bertrand Russel (2015), a Filosofia surgiu a partir do desenvolvimento da civilização na Grécia por volta do século VII a.C. Considera-se que os gregos inventaram (ou aperfeiçoaram em alguns casos) a matemática, a ciência, a historiografia e a filosofia, sendo também os primeiros a especular sobre a natureza do mundo, do universo e questões da vida humana.

O primeiro a ser reconhecido como filósofo foi Thales de Mileto, que nasceu em 625 a.C. Ele foi um dos primeiros a questionar as origens do universo narradas pela mitologia grega (cosmogonia); se empenhou na observação racional da composição do universo (cosmologia) da natureza, e do mundo ao seu redor. Para ele, a água é o princípio gerador da natureza (arché) de todas as coisas existentes. Thales foi considerado o primeiro filósofo pelo fato de ter sido o primeiro a buscar respostas racionais para eventos que até então os gregos consideravam como obra dos deuses. Sendo assim, é possível compreender que o princípio básico da filosofia é a reflexão racional sobre o mundo, a natureza, o cosmos, o ser humano, etc.

Além de Thales, outros filósofos da primeira fase da filosofia grega buscavam nos elementos da natureza as respostas sobre as origens do ser, do mundo e do cosmos, o que os definiu como *filósofos da physis* (filósofos da natureza). Esses filósofos da primeira fase foram denominados como *filósofos pré-socráticos*. Os principais filósofos pré-socráticos foram:

- 1) **Anaximandro:** foi discípulo de Thales e afirmava que todas as coisas existentes se originaram a partir de uma substância neutra primária que ele chamou de *ápeiron*, que pode ser definida como uma substância infinita, eterna e imperecível;
- 2) **Anaxímenes:** considerava que o princípio de todas as coisas era o ar;
- 3) **Heráclito:** considerava que o princípio de todas as coisas era o fogo. Uma das ideias mais conhecidas de Heráclito é que *tudo flui, e nada é permanente, exceto a mudança*. Esse pensamento, denominado como *devir* (tornar-se), indica que tudo está em constante construção/transformação, sendo ele considerado o pai da dialética;

- 4) **Pitágoras:** além de ter cunhado o termo filosofia (amante do conhecimento), ele foi um grande matemático, sendo que até hoje o *teorema de Pitágoras* é plenamente utilizado;
- 5) **Parmênides:** considerado o pai do princípio da não contradição, de que *o ser é, e o não ser não é*, ou seja, afirmações contraditórias não podem ser verdadeiras.

### 3.1 Sócrates

Não é sem motivo que a filosofia é dividida em período pré-socrático e período socrático, pois Sócrates, nascido em Atenas, é um marco na filosofia ocidental, e mesmo não sendo o primeiro filósofo, é considerado por muitos como o pai da filosofia. Seus principais discípulos foram Platão e Xenofonte. Apesar de sua importância, ele nunca escreveu nem uma linha de sua filosofia, tudo foi escrito por seus discípulos.

É de Sócrates a afirmação que se constitui na primeira e fundamental verdade filosófica e epistemológica, que é o reconhecimento de que *sei que nada sei*. A verdade expressa nessa frase é que a única possibilidade do ser humano aprender alguma coisa é quando ele reconhece que não sabe<sup>1</sup> (CHAUI, 1995).

De igual importância, Sócrates propunha também que antes de conhecer as coisas e de persuadir os outros sobre determinado conhecimento, cada um deve conhecer *a si mesmo*. Essa compreensão veio da expressão *conhece-te a ti mesmo*, gravada no pórtico do *Templo de Delfos*, dedicado a Apolo. Daí se compreende a necessidade do autoconhecimento como condição para todos os outros conhecimentos. Por essa razão o período socrático é considerado antropológico, voltado para o ser humano, seu espírito e sua capacidade para conhecer a verdade.

Sócrates desenvolveu um método de reflexão filosófica que ficou conhecido como *maieutica*<sup>2</sup>. Ele andava pelas ruas, praças e mercado de Atenas e perguntava às pessoas se elas sabiam o que estavam dizendo. Sócrates fazia perguntas sobre as ideias e valores que as pessoas acreditavam e julgavam conhecer. Após algumas perguntas, as respostas se esgotavam e o ouvinte reconhecia que não sabia o que pensava saber. Mas um fato curioso é que Sócrates não respondia as perguntas que fazia e dizia: - *eu também não sei*. Ou seja, - *sei que nada sei*.

---

<sup>1</sup> Um versículo bíblico que pode ser aplicado a essa proposição socrática é: “o tolo não se interessa em aprender nada, mas só em dar suas opiniões” Provérbios 18:2.

<sup>2</sup> O termo grego *maieutike*, significa *a arte de partejar*, de realizar um parto.

Sócrates demonstrou que a consciência da própria ignorância é o começo da filosofia, que busca a essência da verdade das coisas, o conceito e não a mera opinião ou crença (*doxa*) que temos das coisas. A opinião varia de pessoa para pessoa, de lugar para lugar e de época para época, sendo instável e mutável. O conceito é uma verdade intemporal, universal e necessária de alguma coisa. O ponto de partida da filosofia é, portanto, a confiança no pensamento ou no homem como um ser racional, capaz de conhecer-se e também capaz de refletir. Sócrates se tornou um perigo para os poderosos de Atenas, pois ele levava as pessoas a pensar. E por esse motivo, ele foi levado à corte em Atenas e condenado à morte.

De acordo com Aristóteles, Sócrates foi o primeiro a buscar uma definição das virtudes morais e a estabelecer o princípio ético fundamental de que os indivíduos são pessoalmente responsáveis por seus atos e omissões. Ele foi um ferrenho opositor ao relativismo praticado pelos sofistas.

### 3.2 Platão

Platão foi discípulo de Sócrates em Atenas, onde fundou uma escola denominada *Academia*. Um dos pontos altos do pensamento de Platão está expresso no livro VII de *A República*, que é o *mito da caverna*. Para ele há um *mundo sensível*, o mundo dos fenômenos e da experiência, onde podemos acessar o conhecimento pelo movimento, pelo olfato, paladar, audição, visão e tato, e há um *mundo inteligível*, que é o mundo das ideias. No mundo das ideias, a alma carrega um conhecimento prévio (a priori), inato. Esse conhecimento teria sua origem em um mundo fora do nosso tempo e espaço, uma espécie de paraíso onde as ideias residem e são apreendidas apenas pela alma, pela contemplação ou pela depuração dos enganos dos sentidos.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam em nosso tempo, para Platão o mundo real é ilusório e é apenas uma sombra, uma cópia do mundo verdadeiro, que é o mundo das ideias. A alma acessa o mundo das ideias em sua forma pura durante a transmigração da alma, porém, quando é encarnada, a memória esquece-se das coisas que viu, sendo necessário adquirir as memórias pela aquisição do conhecimento. Daí vem a famosa formulação platônica de que *o corpo é o túmulo da alma*.

Segundo Russel (2015), os pontos mais importantes do pensamento de Platão podem ser separados da seguinte forma:

- 1) **Utopia:** consiste na idealização de uma sociedade sob a divisão de três classes sociais com atribuições distintas, que são a *classe política*, formada pelos que dominam a retórica; a *classe militar*, formada por aqueles que detêm a força; e a *classe produtora*, formada por aqueles que representam o poder estratégico (pessoas comuns);
- 2) **Teoria das ideias (ou das formas):** tentativa de explicação das questões metafísicas, cosmológicas, políticas e epistemológicas, como por exemplo, o que é a realidade? Como podemos conhecer a realidade? Como o mundo surgiu? A resposta a essas perguntas é a base do mito da caverna. Também relevante é a distinção que ele faz entre *opinião*<sup>3</sup> e *conhecimento*<sup>4</sup>;
- 3) **Teoria da imortalidade:** em sua obra *Fédon*, Platão trata da questão da morte de Sócrates e da imortalidade da alma. A morte seria apenas a separação entre a alma e o corpo;
- 4) **Cosmogonia:** em sua obra *Timeu*, Platão apresenta suas compreensões sobre a origem do universo, das divindades e dos seres humanos;
- 5) **Teoria do conhecimento como reminiscência (*anamnese*):** essa teoria repousa sobre a concepção de que o conhecimento é inato, ou, pré-existente, e que a alma ao encarnar no corpo biológico esquece o que apreendeu no mundo das ideias, porém, é possível o indivíduo recordar essas ideias, conceitos e definições através da busca do conhecimento.

### 3.3 Aristóteles

Aristóteles frequentou a *Academia* e se tornou o discípulo mais conhecido de Platão. Apesar disso, ele discordou de Platão em pontos fundamentais, como por exemplo, de que o conhecimento é pré-existente. Aristóteles defendeu o empirismo, ou seja, as ideias são adquiridas através de experiência. A origem das ideias se dá através da observação, e em seguida a formulação da ideia. Em sua compreensão o mundo sensível e o mundo inteligível são o mesmo mundo. Isso implica que o conhecimento é formado e ampliado por informações trazidas pela sensação, percepção, imaginação, memória, raciocínio e intuição (essa puramente intelectual).

---

<sup>3</sup> Que está ligado ao mundo sensível, que pode ser conhecido por meio dos sentidos.

<sup>4</sup> Que está ligado ao mundo suprassensível, inteligível.

Para a ética em Aristóteles o bem é a finalidade de todas as coisas, e chega-se ao bem através das *atividades práticas* (ética e política), e pelas *atividades produtivas* (artes ou técnicas). Para ele, somente quem conhece o bem é capaz de encontrar a felicidade. O bem leva cada indivíduo a ser capaz de conviver com os outros. A busca da felicidade é a atividade que acompanhará o ser humano por toda a vida.

Aristóteles afirmava que o ser humano é dotado de duas virtudes, as *intelectuais*, que resultam da instrução, e as *morais*, que resultam do hábito, por isso, os governantes devem empreender esforços na formação dos cidadãos através de bons hábitos. Muito importante é o conceito aristotélico de que a virtude humana deve ser baseada na *justa medida*, que é o equilíbrio entre a virtude e a paixão.

A obra de Aristóteles é abrangente e extensa, formando um dos grandes sistemas filosóficos e a base da ciência moderna. No ano 340 a. C. ele fundou em Atenas a sua escola, o Liceu, sendo o seu aluno e discípulo mais famoso, Alexandre Magno (o grande).

## 4) ÁREAS DA FILOSOFIA

A área de uma ciência é um eixo do conhecimento que delimita sua ação, suas possibilidades e seus limites. Em se tratando de Filosofia, as possibilidades são extensas, no entanto, sete áreas são reconhecidas como principais. Essas áreas permitem identificar os temas e os problemas principais abordados:

- 1) **Metafísica:** trata das questões que ultrapassam o mundo físico ou sensorial. Questões que vão além daquilo que podemos ver e sentir. Ela busca uma interpretação sobre o mundo, a natureza, as leis do universo e tudo aquilo que constitui a realidade e os limites da existência humana, além dos fenômenos naturais ou não. Apesar disso, o conceito de metafísica é amplo e nem sempre há consenso sobre seu significado e abrangência, que pode inclusive abordar questões sobre a vida e a morte (tanatologia) e a relação da humanidade com as religiões;
- 2) **Ética:** estuda o conjunto de valores de um indivíduo ou de um grupo de pessoas, isto é, a moral. Na Filosofia Antiga, ela abrangia os estudos que buscavam encontrar a melhor forma de viver em sociedade. Por isso, muitos escritos da época incluem temas que hoje entram nos estudos de Antropologia, Psicologia, Sociologia, Economia, Pedagogia, entre outros segmentos das Ciências Humanas. Hoje ela se dedica a compreender como a moralidade é construída social e culturalmente, e como influencia as relações pessoais, profissionais, os estilo de vida e as leis. Outras questões também dizem respeito sobre o social e o antissocial, os valores, as regras, os princípios da justiça e a influência histórica sobre as mudanças da moral;
- 3) **Lógica:** se ocupa da estrutura do raciocínio que leva a determinados argumentos. Ela busca um pensamento sem contradições, puramente racional, que resolva problemas de maneira efetiva. É uma área de estudo da Filosofia que discute a medição, testagem, aplicação e validade das capacidades cognitivas do homem e o que elas podem efetivamente produzir. Além de disciplina, ela é também um método a ser aplicado no estudo das diversas áreas da Filosofia. Nesse sentido, ela avalia aspectos como raciocínio, linguagem, dedução, categorização e percepção e de que forma essas habilidades são capazes de gerar conhecimento, argumentos, teorias e simbolismos;

- 4) **Epistemologia:** também conhecida como teoria do conhecimento, debate as questões em torno do saber humano. Ela foca na compreensão do que é o conhecimento, como ele se dá e como é transmitido. Nessa área os estudos se voltam em compreender as etapas, os métodos e os limites do conhecimento científico. Busca-se conceituar e definir questões como verdade, crença, crença justificada, opinião, conhecimento, compreensão, etc.;
- 5) **Estética:** é a área da Filosofia voltada aos estudos da arte e das ideias de obra e criação artística, assim como seu impacto no indivíduo e na sociedade. A palavra origina do grego *aisthetiké*, que significa *aquele que nota, que percebe*. A estética pesquisa e propõe reflexões sobre o uso da imagem e da arte na construção de ideias comportamentais, sociais, culturais e de beleza por meio delas. Também são traçadas comparações da arte antiga com a contemporânea. As questões modernas de arte audiovisual e tecnológica também são alvo de seus estudos;
- 6) **Filosofia da História:** estuda os processos históricos e seu desenvolvimento de um ponto de vista temporal, a existência humana nos seus contextos sócio-políticos e culturais. Ela aborda as correntes que dominaram alguns períodos históricos e ditaram o saber científico da época. Estuda ainda as filosofias antiga, medieval e moderna;
- 7) **Política:** dedicada a compreender as relações entre a vida em sociedade e o poder. Ela trata da estrutura e da fundamentação do que é a política, o Estado, os poderes (legislativo, judiciário e executivo), a constituição social, os modelos de justiça, equidade, papel social do cidadão em relação à cidadania, além do estudo de conceitos como liberdade, democracia e a análise dos diversos regimes de governo. Seu nome origina do grego *pólis*, que quer dizer cidade. A Filosofia Política ocidental surgiu na organização social das cidades gregas. Mas ela também evoluiu muito desde então, com filósofos como Nicolau Maquiavel, Jean-Jacques Rousseau e Charles de Montesquieu (teoria dos três poderes – autonomia e intervenção - freios).

## **5) CONTEXTOS, CONCEITOS E DIFERENCIAÇÕES ENTRE ÉTICA E MORAL**

Uma coisa é possível afirmar sem sombra de dúvida, que a ética não surgiu da noite para o dia, e que ela se constituiu como um produto social resultante da história humana.

O período histórico considerado de maior importância para a formação da ética, denominado *período axial*<sup>5</sup>, ocorreu entre os séculos VIII a.C. e VII d.C. período reconhecido como um eixo histórico da humanidade (COMPARATO, 2006). De acordo com Rosa (2012) nesse período:

- 1) Nasceu a Filosofia, a tragédia e a democracia;
- 2) Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles foram responsáveis pelo desenvolvimento da filosofia;
- 3) O profetismo surgiu em Israel;
- 4) Surgiram algumas das principais religiões do oriente, como o Taoísmo na China, o Zoroastrismo na Pérsia, o Budismo e o Janaísmo na Índia;
- 5) Confúcio promoveu reformas sociais, políticas, morais e de pensamento na China;
- 6) As castas sacerdotais da Mesopotâmia, Egito, Pérsia e Judeia foram fortalecidas;
- 7) Surgiu o cristianismo e o islamismo;
- 8) As religiões se tornaram mais éticas e menos fantásticas (cultos da natureza, adoração aos governantes);
- 9) Houve uma aproximação entre os povos.

Desse modo, pode-se afirmar que “foi durante o período axial que se enunciaram os grandes princípios e se estabelecem as diretrizes fundamentais de vida, em vigor até hoje” (COMPARATO, 2006, p. 38). Todos esses elementos do período axial, além de outros não citados, foram fundamentais para o estabelecimento de questões éticas e morais das diversas sociedades que viriam a seguir.

---

<sup>5</sup> O termo significa *eixo*, e no contexto de *período axial* se refere a um *eixo histórico* de formação da humanidade e que aconteceu simultaneamente na China, Índia e Ocidente. De acordo com Karl Jaspers, nesse período o homem torna-se consciente de si mesmo e busca salvação para si através da reflexão, o que resultou nas correntes atuais do pensamento. Nesse período também conflitos filosóficos resultaram em mudanças no modo de agir, nas opiniões e nos costumes da humanidade.

Nesse período a religião comandava toda a vida dos indivíduos, incluindo a vida familiar, política, econômica e social de modo geral. Sendo assim, não havia distinção entre religião, moral e direito. Deve-se fazer nota a importância das religiões de fé monoteísta para a elaboração de novos sistemas de valores e instituições sociais, ao substituírem a imanência dos deuses gregos – que em atitudes agiram semelhante aos homens – pela transcendência absoluta de uma divindade com ética elevada. As prescrições religiosas politeístas eram rituais, e as prescrições religiosas monoteístas se apresentavam como normas de ética fundadas nos princípios da divindade única<sup>6</sup> (COMPARATO, 2006).

Também nesse período imperava a tradição ancestral (de caráter religioso), que acima até mesmo de leis escritas (que raramente se opunham às tradições), ditava os valores (moral, família, religião, pátria, educação), usos e costumes (ritual, casamento, vestuário) da sociedade e dos indivíduos. É importante frisar que essas normas da tradição regulavam os mínimos detalhes da vida cotidiana, e que havia uma consciência que difere drasticamente da consciência moderna. Nas *cidades-estados* gregas, por exemplo, os pais eram obrigados a matar os filhos que nascessem com alguma deformidade, e o celibato masculino era proibido; nas cidades cananeias os pais sacrificavam seus primogênitos às divindades pagãs.

Ética e moral são dois termos muito próximos e que são costumeiramente utilizados como sinônimo, e até mesmo a etimologia das palavras se assemelham pela utilização do termo *costume*. Entretanto, veremos que tecnicamente os termos não são idênticos, ainda que ambos estejam ligados às questões do comportamento (*práxis*) humano.

## 5.1 Moral

Uma questão evidente quando falamos sobre moral, é que uma de suas fontes principais, senão a principal, é a religião e as diversas tradições religiosas (TUGENDHAT, 2012). Nesse sentido, algumas provocações afloram:

- 1) Se a religião e as tradições religiosas estão em constante mudança, a moralidade também deveria estar?

---

<sup>6</sup> Podemos considerar que a Lei de Moisés foi uma das mais importantes fontes de conduta ética e moral do mundo antigo.

- 2) Qual religião deve ditar a moralidade?
- 3) Aqueles que não compartilham da mesma religião devem obrigatoriamente compartilhar da mesma moralidade?
- 4) Aqueles que não são filiados a uma religião institucionalizada, ou que se denominam *ateus*, são por isso imorais?
- 5) Se eles são morais, isso não é uma consequência da moralidade religiosa na sociedade?

De acordo com o Dicionário de Filosofia (ABBAGNANO, 2012a), o termo moral é um adjetivo que se refere à conduta moral, às atitudes ou coisas moralmente valoráveis ou boas. Em sentido amplo, a moral consiste no conjunto das regras de conduta admitidas em determinada época ou por determinado grupo, e que determinam o comportamento do indivíduo em seu meio social. Nesse sentido, o indivíduo moral é aquele que age em acordo às regras herdadas de determinado grupo, as normas morais. As normas morais de conduta visam a organização e harmonização das relações entre os indivíduos. Em função da adequação ou inadequação às regras sociais, o ato e o indivíduo serão considerados como moral ou imoral (ARANHA; MARTINS, 1993).

O comportamento moral varia de acordo com o tempo, o lugar, as condições de organização social, normas e práticas trabalhistas. Cada vez que as relações são alteradas, sobrevêm modificações nas normas, e em consequência, alterações nas questões morais. Um exemplo disso é a questão da moralidade na Idade Média de regime feudal e a moralidade do período burguês.

Para o sociólogo francês Émile Durkheim (1978) as crenças e sentimentos comuns aos membros de uma sociedade formam um sistema que tem vida própria, o que ele denominou como *consciência coletiva*. Essa consciência coletiva pode inserir na sociedade determinados comportamentos que são distintos de comportamentos anteriores dirigidos pela consciência individual. Duas expressões que facilitam essa compreensão são as que se referem ao *efeito manada* e ao *espírito da época*<sup>7</sup>. Assim, compreendemos que comportamentos morais variam conforme as alterações de compreensão da realidade cotidiana de uma sociedade<sup>8</sup>, e conseqüentemente, dos indivíduos, ou seja, eles têm uma

---

<sup>7</sup> Podemos associar esse pensamento aos modismos e às guerras que os evangélicos travam. Em determinado período o *Catolicismo* era considerado o grande inimigo da fé, depois veio a *Nova Era*, e hoje o inimigo é o *comunismo*.

<sup>8</sup> Como exemplo disso citamos as questões do ativismo político, que até o início da década de 1980 eram evitadas pelos evangélicos, no entanto, na presente data se configura em uma *quase idolatria gospel*.

vigência, um prazo de validade. Para que novos valores sejam assumidos (ou antigos afirmados) e formem uma consciência coletiva, eles precisam de alguma forma de justificativa ética e de legitimação política e religiosa.

Derivado de moral, o termo moralidade indica o caráter do que se conforma às normas sociais, e não é o mesmo que legalidade, que por sua vez indica apenas a concordância (ou discordância) ao cumprimento das leis, do dever legal. No caso da moralidade, ela consiste em assumir para si a ideia do dever (ABBAGNANO, 2012b). Outro derivado é o moralismo, que é a atitude de quem se compraz em moralizar todas as coisas, sem levar em consideração o contexto nas situações em que expressa seu juízo moral. Também considerado um formalismo ou conformismo moral que tem pouca substância humana (ABBAGNANO, 2012C).

Algumas partes constituintes da moral precisam ser avaliadas. A primeira delas é a questão dos valores. Todos os indivíduos possuem valores, por isso é comum que todos façam juízo de valor sobre as coisas e sobre a realidade, tanto quando algo nos agrada, como quando nos desagrada. Valores podem ser herdados culturalmente e se constituem em um sistema de significados já estabelecidos pelas outras pessoas, tal como o modo de comer, de não conversar com estranhos, como falar, como não falar, qual o padrão de beleza a seguir, como se vestir, não mentir, etc. Conforme agimos ou transgredimos os padrões de valores, nosso comportamento é classificado pelas outras pessoas como sendo bom ou mau. Os valores podem ser diversos, tais como valores econômicos, vitais, lógicos, éticos, estéticos, pessoais, religiosos, etc. Tanto a moral quanto a moralidade e os valores estão ligados à consciência do indivíduo, ao seu foro íntimo, e quase sempre são herdados, porém, inúmeras questões podem provocar alterações e o indivíduo abandonar antigas condutas e abraçar novas conforme ele tenha alterações em sua consciência. Portanto, para que um ato seja considerado moral, mesmo sendo de fonte normativa, ele deve ser livre, consciente, intencional e solidário (ARANHA; MARTINS, 1993).

Como se percebe, o indivíduo não é um agente passivo das questões morais. O sociólogo Peter Berger (2005) afirma que há uma dialética social em operação, e que o indivíduo tanto é construído pela sociedade como transforma e constrói valores sociais. O indivíduo nasce numa sociedade já dada em uma localidade já estabelecida, assim como herda um nome, uma família e um conjunto de normas e leis em que ele não tomou parte na elaboração. Para sobreviver ele precisa assimilar esse contexto, normas,

valores e significados simbólicos para sobreviver. Entretanto, como agente construtor da realidade, ele pode agir na estruturação de alterações sociais, morais e culturais.

## 5.2 Ética

Para o professor Ernst Tugendhat (2012), algumas provocações e questionamentos são necessários quando nos ocupamos com o estudo da ética: **1) Por que a ética? 2) O que é a ética? 3) Por que nos ocupar com a ética?** Esses questionamentos, por si só, ocupariam um tempo prolongado de nossas vidas, correndo-se o risco de não se chegar a uma conclusão. Entretanto, devemos considerar que somos bombardeados todos os dias com questões que envolvem *justiça, injustiça, ética, falta de ética, moralidade e imoralidade*.

De igual modo, estamos constantemente efetuando julgamentos morais a respeito de fatos que nos são transmitidos, e isso evidencia que lidamos todos os dias com as questões ligadas à ética e à moral. Em dois âmbitos esses juízos morais se sobressaem:

- 1) No âmbito das relações humanas:** nas discussões familiares, entre amigos, colegas de serviço ou estudo, sempre discutimos e emitimos juízos morais (rancor, indignação, culpa, vergonha) que abrangem questões que nos cercam, como por exemplo, política, esportes, artes, religião e trabalho;
- 2) No domínio público:** as ações políticas e de poder são sempre submetidas aos julgamentos morais. Decisões ou omissões governamentais são costumeiramente qualificadas como *éticas* ou *antiéticas*; as questões de democracia, justiça social, elaboração das leis, divisão de renda, assistência social, pleito eleitoral e direitos humanos partem de determinados conceitos de *moralidade* (mas não de forma exclusiva) ligados a questões sociais e culturais das diversas sociedades. Questões mais sensíveis e polêmicas do domínio público, como por exemplo, *aborto, ecologia, armamento, pena de morte, eutanásia, uso de células tronco nas pesquisas médicas, tecnologia genética, imigração, cotas raciais, territórios indígenas, ideologia de gênero e reforma agrária*, estão sempre no palco das discussões éticas e morais, ainda que interesses religiosos, étnicos e econômicos também estejam envolvidos.

O termo *ética*, segundo Comparato (2006), é derivado de duas palavras gregas quase homônimas: **1) *êthos***: que indica o domicílio de alguém ou a maneira de ser ou os hábitos de uma pessoa; **2) *ethos***: que indica os usos e costumes vigentes numa sociedade e também os hábitos dos indivíduos. Desse modo, etimologicamente podemos afirmar que a ética possui duas vertentes de reflexão:

**1) subjetiva**: centrada no comportamento individual (virtudes), que, segundo Aristóteles, não são naturais e sim adquiridas pela prática dos hábitos e dos costumes;

**2) objetiva**: centrada no modo coletivo de vida (leis), onde a legislação objetiva produzir bons hábitos nos cidadãos. Nesse sentido, as virtudes seriam a interiorização das leis e as leis a objetivação das virtudes.

Para Abbagnano (2012d), *ética* é o ramo da Filosofia que se ocupa da conduta humana, e cujo objetivo primordial de investigação diz respeito a tudo o que está incluído na noção do que vem a ser bom e proveitoso para o ser humano (SIDGWICK, 2010). Além disso, a ética é uma reflexão do indivíduo sobre os valores, condutas e princípios que constituem a moral ao seu redor. Ética é também um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade e visa o equilíbrio das relações sociais e a equidade da justiça. Assim como a moral, a ética é construída socialmente com base nos valores históricos, culturais, religiosos e da tradição de um povo. Para Cortella (2009) ética é o conjunto dos princípios e valores que orientam a conduta de um indivíduo. Na compreensão de Tugendhat (2012, p.11), ética é “uma reflexão sobre valores reduzida ao individual e ao inter-humano”, ou seja, uma reflexão filosófica sobre a moral humana.

Assim como a moral, os valores éticos também são aprendidos no contexto da família, da sociedade, da religião, escola, etc., ou seja, são externos ao indivíduo, que os interioriza e os assume como valores éticos seus. Com o tempo, o uso do termo ética foi estendido para o uso nas questões *profissionais* (ética profissional), *pessoais* (ética pessoal) e *religiosas* (ética pastoral), nem sempre preservando seu uso e intenção filosófica.

A partir das definições acima, verificamos que a ética está de certa forma atrelada à:

- 1) **Política:** através das ações de busca e promoção do bem-estar social;
- 2) **Psicologia:** uma vez que a noção de bem-estar e virtude está ligada também a processos internos de compreensão do indivíduo e de julgamento das ações externas dos demais indivíduos, e pelo fato das ações externas serem julgadas como más ou boas a partir do intelecto e dos sentimentos experimentados pelo indivíduo;
- 3) **Estudo do dever e da conduta humana:** aqui se consideram as questões do livre-arbítrio e que há um código moral que rege as ações humanas, bem como um código da legislação divina baseada na revelação (SIDGWICK, 2010).

Algumas diferenciações entre moral e ética podem ser definidas e melhor visualizadas da seguinte forma:

ÉTICA	MORAL
Implica reflexão e aceitação interna	É um conjunto de regras, valores e proibições externas
É um modo subjetivo de agir	É um modo objetivo de agir
É guiada por princípios internos	É guiada por princípios sociais
É permanente	É temporal
É um comportamento moral individual e racionalizado	É uma conduta moral que surge a partir da coletividade

## 6) QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA ÉTICA

*“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridão luz, e da luz escuridão, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo” Isaías 5:20.*

Podemos utilizar esse versículo do livro do profeta Isaías para suscitar algumas questões importantes no estudo da Ética:

- 1) A ética é relativa à subjetividade do indivíduo?
- 2) É possível ser ético em tempos de relativismo moral?
- 3) O que é certo e o que é errado?

Valores morais e éticos, valores cristãos, valores sociais e valores familiares de repente se veem envolvidos e pressionados pela síndrome da falta de alicerces, fundamentos e princípios que sejam considerados universais. Se para o cidadão comum está cada vez mais difícil ser ético na sociedade relativista, quanto mais difícil é ser ético a partir dos princípios cristãos? Essa dificuldade reside no fato de que os princípios bíblicos e a mensagem do evangelho se baseiam em doutrinas que são, por muitas vezes, contraculturais<sup>9</sup>, como é o caso do perdão, do arrependimento, do amar os inimigos, de resistir às paixões da juventude, de resistir ao amor ao dinheiro e outras coisas que se constituem em valores e posturas sociais tradicionais.

Os valores sociais, os padrões morais e éticos não estão imunes às pressões da pós-modernidade. E é por isso que eles se adequam aos sentidos que lhe são impostos por essas pressões e pelos ventos secularizantes e relativizantes. As mudanças sociais alteram o contexto, a maneira de pensar e de agir do indivíduo, e como não poderia deixar de ser, alteram também suas compreensões éticas e morais.

Apesar dessas questões relativistas, a ética trabalha com três questões fundamentais para exercer os atos éticos. Nessas três questões estão presentes todas as premissas das decisões éticas que a ética abarcará (principalmente a ética cristã):

---

<sup>9</sup> Aqui utilizamos a compreensão de contracultura como aquilo que se diferencia e opõe ao *status quo* estabelecido tradicionalmente pela cultura.

- 1) **Liberdade:** é necessário compreender que existe liberdade, mas não liberdade total. O mundo é regido por leis, como por exemplo, a lei da gravidade. O indivíduo pode não se submeter a essas leis, em face de uma suposta liberdade, no entanto, ele será réu das leis que descumprir. A liberdade do indivíduo se reporta a outras questões;
- 2) **Responsabilidade:** só há responsabilidade quando há moralidade. Assim como o mundo sem leis se tornaria um caos, sem responsabilidade não haveria nenhuma forma de respeito para com as leis e para com os outros. A responsabilidade indica uma capacidade de raciocínio e de juízo moral sobre os atos e pode ser dividida em:
  - **Responsabilidade individual:** diz respeito aos atos do indivíduo que visam o seu bem-estar pessoal, como por exemplo, suas ações em relação a promoção de sua saúde, sanidade mental, higiene, sentimentos, ações, vontades, desejos, obrigações, compromissos, etc;
  - **Responsabilidade para com o outro:** diz respeito aos mesmos atos do indivíduo na promoção do bem-estar da coletividade;
- 3) **Necessidade:** outra questão fundamental que move as ações das pessoas, tanto as ações morais quanto as imorais é a questão da necessidade. Essa é a questão que aborda as grandes polêmicas existentes sobre as atitudes humanas.

## 7) ABORDAGENS ÉTICAS

Muitas são as abordagens éticas que foram levadas a efeito ao longo da história. Algumas foram restritas a um período histórico determinado, outras persistem na sociedade e dependendo das circunstâncias, se alternam na conduta social. Na tentativa de ser ético, o indivíduo percorre caminhos distintos, geralmente baseados em questões que para ele fazem sentido e tem significância. Todas as abordagens éticas que veremos são condutas baseadas na compreensão e no percurso hermenêutico empreendido individualmente e coletivamente. As abordagens éticas que iremos tratar aqui, de acordo com Norman L. Geisler (2001) são:

- 1) **Antinomismo:** parte do pressuposto de que não existem normas objetivas, ou seja, parte do princípio da ausência de normas universais. Para essa compreensão, tudo depende das pessoas e das circunstâncias. É uma abordagem ética presente na história através do anarquismo político e dos movimentos jovens dos anos de 1950 e 1960 (beats e hippies), que tinha como palavra de ordem o bordão *é proibido proibir*. É uma abordagem subjetivista e relativista que depende da vontade do próprio indivíduo. Essa abordagem pode se chocar com a abordagem de outras pessoas, por isso é considerada uma abordagem ética individualista;
- 2) **Utilitarismo (ou Generalismo):** prega que deve haver normas gerais, mas não universais. Para essa abordagem ética, o que deve ser levado em conta são *os resultados absolutos obtidos*. Nenhum ato ou conduta pode ser considerado certo ou errado em si, mas em função de seus resultados para o indivíduo, ou para a sociedade é que deve ser avaliado. O valor de uma ação não é julgado pelo valor intrínseco e universal, mas pelo resultado obtido na ação. De certa maneira há um relativismo nessa abordagem, já que uma ação antiética que alcance um resultado positivo quantitativamente deixa de ser considerada errônea em função daquilo que atingiu, ou seja, é o princípio maquiavélico de que *os fins justificam os meios*;
- 3) **Situacionismo:** parte do princípio que as circunstância ao redor do indivíduo são tão distintas que apenas uma norma, o amor, é capaz de se adaptar a todas as circunstâncias, e que tudo o que for feito sob a condição do amor encontra amparo ético. Para essa abordagem, o amor está acima de qualquer lei;

- 4) Absolutismo:** parte do princípio de que todas as ações possuem valores absolutos de certo e errado. Nessa concepção, para um ato ser antiético, ele não depende do resultado obtido ou do contexto do fato, como por exemplo, o ato de furtar será sempre errado, mesmo que o ladrão fure para matar a fome de seus filhos;
- 5) Hierarquismo:** o hierarquismo ético considera que há uma ordem hierárquica entre as normas éticas, uma espécie de pirâmide de valores éticos. Para essa abordagem ética, o indivíduo ao se confrontar com normas éticas que se conflitam deverá quebrar a norma inferior e guardar a norma superior. Ao fazer assim, ele não estará agindo eticamente, mesmo quebrando um princípio ético de menor valor. A questão aqui é saber quais normas éticas são superiores e quais são inferiores. Para o hierarquismo, alguns princípios básicos respondem a essa questão: 1) as pessoas são mais valiosas do que as coisas; 2) o ser infinito (Deus) é mais valioso do que a pessoa finita (ser humano); 3) uma pessoa completa é mais valiosa do que uma pessoa incompleta; 4) uma pessoa real tem mais valor do que uma pessoa em potencial; 5) as pessoas em potencial são mais valiosas do que coisas reais; 6) muitas pessoas são mais valiosas do que poucas pessoas; 7) atos pessoais que promovem a personalidade são melhores do que os que não a promovem.

## 8) ÉTICA CRISTÃ

*“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis então da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor” Gálatas 5:13.*

*“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” Gálatas 6:2.*

De acordo com o professor Júlio Zabatiero (GEISLER, 2001), numa sociedade pluralista e relativista como a atual, é fundamental que o cristão tenha valores éticos definidos que norteiem sua conduta e lhe ofereçam um modo de vida distinto. A dificuldade reside nos extremos da libertinagem e do legalismo. Encontrar o ponto de equilíbrio entre o que *se sente*, o que *se crê* e o que *se faz* talvez seja o centro da ética cristã.

Á ética cristã corresponde ao sistema de valores morais associado ao Cristianismo e que retira dele a sustentação teológica e fundamentação filosófica de suas pressuposições. A ética dos cristãos evangélicos é oriunda primordialmente das Escrituras, principalmente do *Novo Testamento*, e em segundo plano, da *Reforma Protestante*. Considera-se que “a Reforma Protestante foi, incontestavelmente, a primeira revolução social do mundo moderno” (COMPARATO, 2006, p. 167) e consistiu na ruptura com a tradição das instituições eclesiásticas, dos princípios e das práticas que sustentavam a Cristandade medieval. Em virtude dessa ruptura, do pensamento teológico de Martinho Lutero, João Calvino e outros reformadores, inaugurou-se no indivíduo a possibilidade de consciência de si mesmo, de sua autonomia e de seus direitos. A ética cristã (protestante) opera a partir de diversos pressupostos e conceitos revelados nas Escrituras, sendo os principais:

- 1) A vontade soberana e o caráter de Deus:** a ética cristã é construída a partir do mandamento divino. Um dever ético é uma prescrição divina alinhada com o caráter imutável de Deus, ou seja, Ele deseja que se faça o que é certo, pois isso está em concordância com seus próprios atributos morais. Exemplo disso: “Sede santos, porque eu sou santo, foi o mandamento de Deus para Israel” Levítico 11.45; “Sede, pois, perfeitos, assim como perfeito é o vosso Pai celestial” Mateus 5.48. Em

suma, a ética cristã baseia-se na vontade de Deus, e Deus nunca deseja algo que seja contrário ao seu caráter moral imutável;

- 2) A imutabilidade:** a partir do fato de que o caráter moral de Deus não muda (Mt 3.6; Tg 1.17), chega-se à conclusão de que as obrigações morais derivadas de sua natureza são absolutas. Isso significa que são obrigatórias a todas as pessoas e em todos os lugares.

*“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridão luz, e da luz escuridão, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo” Isaías 5:20;*

- 3) A revelação:** a ética cristã baseia-se nos mandamentos de Deus, em sua revelação, que é tanto geral (Rm 1.19-20; 2.12-15) quanto especial (Rm 2.18; 3.2). Deus se revela tanto na natureza (Sl 19.1-6) quanto nas Escrituras (Sl 19.7-14). Nos dois casos, a base da responsabilidade ética humana é a revelação divina. Apesar da revelação geral de Deus, é nas Escrituras que reconhecemos as orientações sobre o que crer e o que fazer.

- 4) A prescrição:** uma vez que o direito moral é prescrito por um Deus moral, ele é prescritivo. Por isso, não existe lei moral sem um legislador moral. Desse modo, a ética cristã é por sua própria natureza prescritiva, e não descritiva. A ética lida com o que deve ser, não com o que é. Os cristãos não encontram seus deveres éticos em um padrão de cristãos, mas em um padrão para cristãos: a Bíblia. Da perspectiva cristã, uma ética puramente descritiva não pode ser de forma alguma considerada como ética. A descrição do comportamento humano é tarefa da sociologia. Por outro lado, a prescrição do comportamento humano pertence ao campo da moralidade.

*“Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos” Juízes 17:6;*

- 5) O dever:** sistemas éticos podem ser divididos em duas grandes categorias: a deontológica (centrado no dever) e a teleológica (centrado nos meios e nos fins). Em alguns casos, esta última categoria é chamada de consequencialismo, pois, nesse sistema, o valor do ato é determinado pela consequência. Por exemplo, o utilitarismo é um modelo de ética teleológica. Em contrapartida, a ética cristã é deontológica. A natureza da ética deontológica pode ser vista de maneira mais clara em contraste com a visão teleológica.

*“Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e achegando-te a ele; pois ele é a tua vida, e o prolongamento dos teus dias; para que fiques na terra que o Senhor jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque, e a Jacó, que lhes havia de dar” Deuteronômio 30: 19-20;*

## 9) PRINCÍPIOS QUE REGEM A ÉTICA CRISTÃ

A noção de princípio, *arkhê*<sup>10</sup> em grego, indica **1)** o ponto de partida do movimento; **2)** o ponto de partida de uma ciência; **3)** o primeiro elemento na construção de algo; **4)** o primeiro elemento no desenvolvimento de um organismo vivo; **5)** aquilo de que se origina algo; **6)** o ponto de partida do conhecimento de algo (COMPARATO, 2006). Os princípios geradores da ética cristã são os alicerces a partir dos quais se constroem o edifício ético-cristão. Eles são subdivididos em:

- 1) Princípio da conveniência:** *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas **convêm**; I Coríntios 10: 23a;*
- 2) Princípio da edificação:** *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas **edificam**” I Coríntios 10: 23b;*
- 3) Princípio da mutualidade:** *Ninguém busque o proveito próprio; antes cada um o que é de outrem” I Coríntios 10:24;*
- 4) Princípio da glorificação:** *“Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” I Coríntios 10:31;*
- 5) Princípio da mordomia:** *“E, tudo quando fizerdes, fazei-o de todo o teu coração, como ao Senhor e não aos homens. Sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis” Colossenses 3:24.*

---

<sup>10</sup> Princípio presente em tudo.

## **10) QUESTÕES ÉTICAS CONTEMPORÂNEAS**

Existem algumas questões éticas que deveremos sempre tratar à luz das Sagradas Escrituras, e de acordo com o que estudamos anteriormente, é necessário um posicionamento cristão frente a diversas vertentes e pensamentos destoantes da nossa fé cristã. Por isso, destacamos seis temas que abordaremos aqui, que têm influenciado muito pessoas de diferentes denominações cristãs, e principalmente no meio da própria liderança, onde cada um tenta definir sua própria linha de pensamento e defesa da fé, sem no entanto, em muitos casos, estudar com profundidade o que o Autor da vida e responsável por tudo o que existe já deixou registrado para nós, Deus!

Então, estudaremos os seguintes assuntos:

- 1) **O cristão e a política;**
- 2) **O cristão e as redes sociais;**
- 3) **O cristão e o dinheiro;**
- 4) **O cristão e o Aborto;**
- 5) **O cristão e o Pena de morte;**
- 6) **O cristão e a sexualidade.**

### **1) O CRISTÃO E A POLÍTICA**

As Escrituras registram a liderança política de grandes personagens bíblicos, entre eles, José, o governador do Egito (At 7.9,10); e Ester, a rainha da Pérsia e da Média (Et 5.2). Contudo, apesar desses exemplos, por muitas décadas a política foi satanizada no meio evangélico. Como resultado, e com sua omissão, a igreja permitiu que o Poder Público fosse exercido muitas vezes por ateus, ímpios e imorais. Esse comportamento contribuiu com a eleição, por exemplo, de governos contrários à cultura judaico-cristã. Para mudar esse quadro faz-se necessário que a igreja amadureça e aprofunde sua “consciência política”.

Por que a política é vista por muitos com total desconfiança? Por que há tantos desentendimentos políticos em nossos dias? Por que muitos acham ser um erro o “crente” entrar na vida política militante?

Essas são algumas das perguntas que, certamente, boa parte de seus alunos fazem. Longe de tentar respondê-las neste espaço, devido ao limite natural do espaço, podemos pontuar algumas realidade.

**1. Sem política há barbárie.** Se olharmos para a história, no lugar da política democrática, as coisas eram resolvidas por meio do “corte de cabeças”. Isso mesmo! No lugar de disputar as questões políticas no diálogo e debates, o grupo vencedor, ao tomar o poder, como demonstração de exercê-lo, eliminava seus adversários com espetáculos públicos macabros. Esses espetáculos perpassam a história até aos dias atuais, pois eles estão presentes nos acontecimentos recentes: duas guerras mundiais; a revolução de Cuba, onde os revolucionários eliminaram seus adversários; a ascensão de Pinochet, no Chile, onde sua política eliminou seus oponentes políticos; guerras civis na África; na Ásia. Nesse sentido, quando não se tem a prática política, sobra desordem, convulsões sociais e barbáries.

**2. A política é a arte do equilíbrio de forças.** No lugar de “cabeças rolaem”, ou de uma pessoa autodeclarar-se “o Estado sou eu”, temos agora três poderes independentes entre si. No lugar das espadas, dos canhões e das armas modernas, o debate. Uma democracia imperfeita, sim. Que não ocorre em sua plenitude, certamente. Mas uma democracia. O que marca a democracia moderna é o império das Leis, é a legitimação do Estado democrático de direito. O poder hoje não se encontra nas mãos de uma única pessoa, ou de um grupo único, mas na representação social por intermédio de instituições democráticas — o poder Executivo, Legislativo e Judiciário. O processo da Lava-jato em nosso país tem demonstrado isso com clareza.

**3. A política partidária limita algumas virtudes.** Certo filósofo disse que um intelectual jamais pode entrar para a política partidária, pois a natureza desta é a luta pelo poder. As virtudes que o intelectual sério cultiva — “honestidade”, “sinceridade” e “busca pela verdade” — terão de ser negociadas. Se um intelectual tem essa envergadura de consciência, imagine o que Deus espera das pessoas que Ele as “voca para o ministério da Palavra” (Is 56.9-12 cf. 1Tm 3.1-7)?

## **I. UMA PERSPECTIVA BÍBLICA DA POLÍTICA**

**1. Deus governa todos os aspectos da vida humana, inclusive o político.** As Escrituras mostram que Deus se relaciona diretamente conosco em todos os aspectos da vida (Mt 6.33). Isso significa que Ele intervém em nossa jornada diária, pois o Pai Celeste “trabalha para aquele que nele espera” (Is 64.4). Nesse aspecto, a Bíblia mostra que o Altíssimo “remove os reis e estabelece os reis” (Dn 2.21),

“porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus” (Rm 13.1). Sim, o Deus Altíssimo governa o aspecto político da vida no mundo.

**2. Deus levanta homens que o glorifiquem na política.** Os exemplos da Bíblia são abundantes. Mas destacamos três deles: José, filho de Jacó (Gn 41.37-57); Ester, a rainha (Et 2.12-20); Daniel, o jovem (Dn 2.46-49). Essas três pessoas se colocaram à disposição do Senhor, e por intermédio dEle, providenciaram o escape para o povo de Deus (Gn 42.46-49; Et 7.1-10; Dn 2.1-45). A história da Igreja também mostra um homem chamado William Wilberforce (1759 — 1833), que por influência do Evangelho, e impactado pelo ministério de John Wesley, foi quem liderou o fim do tráfico de escravos no reino britânico. Sim, Deus usa pessoas para glorificar o seu nome na política.

**3. O Estado e a Política.** O Estado tem como função garantir, por meio de políticas públicas, as condições necessárias para a vida digna da sociedade. A Palavra de Deus diz que as autoridades instituídas são para disciplinar as obras más e enaltecer quem faz o bem (Rm 13.3,4). Assim, como vivemos num estado democrático de direito, onde tanto cidadãos quanto autoridades instituídas têm direitos e deveres mediante a carta constitucional do país, isto é, vivemos no império das leis, e por isso, devemos exercer o mesmo princípio de submissão ao Estado esposado pelo apóstolo Paulo em Romanos 13.1,2.

**4. O Estado e a Bíblia.** O Novo Testamento retrata o Estado como instrumento ordenado por Deus (Rm 13.1), assim, os que resistem ao Estado afrontam a Deus (Rm 13.2). Nesse contexto, o Estado é servo do Altíssimo para aplicar a justiça (Rm 13.4), logo, ele não é problema para os que fazem o bem, mas para os que praticam o mal (Rm 13.4; 1Pe 2.14). Assim, é lícito pagar tributos e impostos ao Estado (Rm 13.6,7), bem como temos a recomendação de orar pelas autoridades públicas (1Tm 2.1,2).

#### **Aspecto Teológico:**

**“Política”:** O vocábulo ‘política’ vem do grego, *polis*, ‘cidade’. A política, pois, procura determinar a conduta ideal do Estado, pelo qual seria uma ética social. Ela procura definir quais são o caráter, a natureza e os alvos do governo. Trata-se do estudo do governo ideal’ (*Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, p.769).

‘Política significava, originalmente, o conhecimento, a participação, a defesa e a gestão dos negócios da *polis*’ (Cidade-Estado, na Grécia — citado em *Cristianismo e Política*, p.19).

Segundo Champlin e Bentes: 'A política é um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Platão pode ser caracterizado como o pai da política, porquanto em sua filosofia, sobretudo em seu diálogo intitulado *República*, ele desenvolveu uma extensa teoria política. A filosofia política ocupa-se com a conduta ideal do Estado, com a ética das sociedades organizadas' (*Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, p.196). Além de Platão, outros grandes filósofos idealizaram a filosofia política, enfatizando certos aspectos considerados preponderantes sobre os outros na sociedade. Enquanto Platão enfatizava o predomínio do indivíduo dos filósofos, e defendia um Estado comunista; Aristóteles destacava o valor da família como 'unidade central do Estado e não o indivíduo; propugnava um sistema misto de governo, com destaque para um tipo de democracia (não popular) criticando o Estado comunista defendido por Platão' (ibidem, p.789). Agostinho via a política como reguladora dos conflitos entre a Igreja e o Estado; o filósofo italiano Maquiavel defendeu a supremacia do Estado, advogando que todos os meios seriam lícitos, desde que os fins fossem bons. É a famosa máxima, segundo a qual 'os fins justificam os meios'" (LIMA, Elinaldo Renovato de. *Ética Cristã: Confrontando as Questões Morais do Nosso Tempo*. 9ª Edição. RJ: CPAD, 2015, pp.188,189).

## **II. A SEPARAÇÃO DO ESTADO DA IGREJA: UMA HERANÇA PROTESTANTE**

O conceito de Estado Laico é compreendido como a separação entre o Estado e a Igreja. Significa que um não pode interferir nas atividades do outro e vice-versa.

**1. A união entre a Igreja e o Estado.** No ano 313, Constantino e Licínio, Imperadores romanos do Ocidente e do Oriente respectivamente, promulgaram o Édito de Milão. O decreto outorgou liberdade e tolerância religiosa aos cristãos no Império Romano. O imperador Teodósio decretou em 380 d.C. o Édito de Tessalônica, estabelecendo o Cristianismo como religião oficial do Império. O Édito prometia vingança divina e castigo do estado aos que não aderissem à lei. A partir de então a união entre a Igreja e o Estado passou a ser indiscutível. À exemplo da deformação da nação de Israel, o início dessa união trouxe até benefícios, mas em seguida, essa mistura foi trágica (1Sm 10.1; cf. 8.10-19).

**2. A separação entre a Igreja e o Estado.** Ao fim da Idade Média, os ideais humanistas valorizavam os direitos individuais do cidadão e isso despertou nos cristãos a necessidade de reformar a Igreja, especialmente, o Clero (sacerdotes). Os abusos de Roma e a venda das indulgências deflagraram a Reforma em 1517, na Alemanha. O Monge Martinho Lutero rompeu com o catolicismo romano. Foi a

partir da Reforma que, paulatinamente, os conceitos de liberdade, de tolerância religiosa, de democracia e de separação entre Igreja e Estado foram alçados ao *status* de direitos fundamentais. A Palavra de Deus mostra que a ideia de Estado e Igreja não dará bons resultados (At 4.1-7). Por isso, o Estado não deve interferir na Igreja nem a Igreja no Estado. Todavia, o povo de Deus jamais deve faltar com a sua voz profética diante das injustiças e pecados sociais.

**3. O Modelo de Estado Laico Brasileiro.** A Constituição do Brasil outorga ao cidadão plena liberdade de crença e garante o livre exercício dos cultos e liturgias, além da proteção aos locais de adoração (Art. 5º). No artigo 19 está definida a separação entre o Estado e a igreja, mas ressalva na forma da lei, a colaboração de interesse público. Assim, embora o Estado brasileiro seja laico, ele não é ateu. Desde os primórdios, o ser humano tem a necessidade de cultuar a Deus (Sl 42.1), portanto, o Estado não pode negar a natureza religiosa do indivíduo.

#### **Aspecto Teológico:**

“[...] A Reforma teve causas religiosas, econômicas, políticas, sociais, morais e éticas. O descrédito da igreja crescera durante, pelo menos, dois séculos e já provocava rebeliões populares. Soberanos, senhores feudais, povo e até mesmo parte do clero já haviam alcançado um elevado grau de insatisfação. A mistura ar-combustível de nosso motor imaginário, sob forte pressão, aguardava apenas uma centelha para explodir. Iniciando a venda de indulgências na Alemanha, o domiciano Johann Tetzel (1465 — 1519) produziu a centelha que faltava. A ela, seguiu-se a publicação das 95 Teses de Lutero na porta da igreja de Wittenberg. Estava deflagrada a Reforma.

A indulgência era um documento que absolvía pecados. Se o pecador morresse, um parente poderia pagar por ele, abreviando-lhe o tempo de passagem pelo purgatório.

As interpretações da Reforma dependem do ponto de vista de quem a analisa. Sob a perspectiva política, foi uma rebelião contra a igreja católica, cujo chefe, o Papa, arvorara-se em vigário de Deus, lider acima da autoridade dos reis. Para os que privilegiam as causas morais, ela foi um esforço para deter a corrupção que invadira a hierarquia eclesiástica. Para os que acreditam no determinismo econômico, ela resultou da tentativa do papa em explorar economicamente a Alemanha” (FERREIRA, Paulo. **A Reforma em Quatro Tempos: Desdobramento na Europa e no Brasil**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2017, p.14).

**Consciência Cristã:** “Se tivéssemos oportunidade de perguntar a Dietrich Bonhoeffer o que é a consciência cristã, que resposta obteríamos? Certamente responder-nos-ia que a consciência cristã é o exercício pleno de nossa fé, num mundo que jaz no maligno. Por isso, ousou afirmar: ‘Jesus Cristo, e não o homem ou o Estado, é o nosso único Salvador’”.

### **III. COMO O CRISTÃO DEVE LIDAR COM A POLÍTICA**

O cristão precisa tomar cuidado com a “politicagem” e definir com temor a Deus a sua atuação política.

**1. O perigo da politicagem.** Os dicionários em geral conceituam politicagem como “política reles e mesquinha de interesses pessoais”. O perigo dos atos politiqueros envolvendo os cristãos é colocar em descrédito o Evangelho e a Igreja. Assim, os políticos contrários às convicções cristãs não podem receber o apoio nem o voto da igreja. No cristianismo primitivo, a igreja em Corinto foi advertida a observar o seguinte princípio: “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel?” (2Co 6.14,15).

**2. Como delimitar a atuação da igreja.** Os princípios éticos devem ser estritamente observados. O púlpito da igreja não pode dar lugar ao “palanque eleitoral”. É verdade que a igreja precisa de conscientização política, mas isso não significa ocupar o espaço de adoração e pregação da Palavra com campanhas políticas. Conscientização política é uma coisa, campanha política é outra. Esta não cabe no espaço de culto do Corpo de Cristo. Nesse sentido, a conscientização política da igreja deve ser fundamentada em princípios cristãos. Isso significa que o cristão deve analisar as propostas e as ideologias dos partidos políticos sob a ética cristã (Is 5.20).

**3. Ajustando o foco da igreja.** O povo de Deus não pode limitar-se a fazer oposição e oferecer resistência à iniquidade no poder temporal. Não pode depositar sua confiança e esperança nas decisões políticas. As lideranças devem incentivar o avivamento espiritual. O avivamento liderado por John Wesley (1703 — 1791) trouxe mudanças sociais significativas na Inglaterra, pois o mal realmente a ser combatido pela igreja é o pecado. Não podemos jamais perder a nossa consciência e natureza espiritual. Quando a mensagem de arrependimento for pregada ao mundo, então, vidas serão transformadas. O Espírito Santo terá liberdade para convencer os ouvintes do pecado, da justiça e do

juízo (Jo 16.8). A medida que verdadeiras conversões a Cristo ocorrem, na mesma proporção, a nossa nação sofre transformações espirituais e sociais.

### **Aspecto Bibliológico:**

Infelizmente para os estudiosos cristãos, a Bíblia não é um livro didático de teologia política para o mundo moderno. Ela nos oferece poucas passagens explícitas sobre o papel adequado dos governos. Romanos 13.1-6 nos fala que os governos são estabelecidos por Deus e os cristãos devem se submeter à autoridade governante. Isso parece bastante claro, mas já no início de Atos descobrimos que Pedro e os apóstolos foram presos e encarcerados por pregar o Evangelho e fazer sinais e maravilhas. Então um anjo do Senhor organizou para eles uma fuga da prisão e ordenou-lhes que voltassem à arena pública e continuassem a quebrar a lei pregando o Evangelho. Quando arrastados de volta diante das autoridades, eles declararam: ‘Mas importa obedecer a Deus do que, aos homens’ (At 5.12-29). Aqui a Bíblia parece ensinar que, em algumas circunstâncias, temos de desafiar a autoridade governamental” (MCNUTT, Dennis. **Panorama do Pensamento Cristão**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2001, pp.428,178).

### **Conclusão**

Diante do cerceamento de algumas liberdades, a igreja começou a despertar para a realidade política. As mudanças e as transformações sociais passam pelo processo político. Por que então não elegeer candidatos verdadeiramente vocacionados para a vida pública e que reproduzam a moral cristã? Por que não apoiar políticos que rejeitam as leis contrárias aos princípios cristãos? Para tanto, a Igreja precisa ocupar o seu espaço e influenciar positivamente a sociedade (Mt 5.13-16).

## **2) O CRISTÃO E AS REDES SOCIAIS;**

Devido ao avanço tecnológico, várias mudanças ocorreram na sociedade. A rede mundial de computadores, conhecida como *Internet*, conecta o mundo todo. Com o surgimento das redes sociais tudo o que acontece é divulgado e comentado instantaneamente. As informações são transmitidas com rapidez surpreendente; mas em contrapartida, vivemos um estágio em que as pessoas se relacionam mais virtual que presencialmente. Nesta lição, veremos o conceito e o perigo das redes sociais, bem como o desafio de a igreja evangelizar as pessoas por meio das novas tecnologias.

## **Uma constatação**

O fenômeno da rede social é evidente. Muitos movimentos políticos, sociais e religiosos têm sua origem nas redes sociais. De fato, as redes sociais quebraram a hegemonia da mídia. Hoje não há mais a possibilidade de uma pessoa ter apenas uma versão dos fatos de acordo com a linha editorial de determinado grupo de comunicação. Isso quebrou. A consequência desses fenômenos é a preocupação de muitos especialistas no assunto, como o sociólogo Manuel Castells, em sua obra “Sociedade em Rede”, em que ele propõe “a cultura da virtualidade real”, onde não há a separação entre a realidade e os signos virtuais. Nesse contexto, o sociólogo prevê que as relações humanas se darão cada vez mais nesses ambientes multimídias em que ainda não é possível antever os impactos que elas trarão na sociedade.

## **O perigo da relação descartável**

Embora não seja possível verificar o impacto real do crescimento do uso das redes sociais, empiricamente sentimos alguns impactos em nossas experiências pastorais. Em nossas igrejas são comuns queixas de esposas que reclamam dos esposos que passam horas no ambiente virtual; dos esposos que reclamam o mesmo de suas esposas; dos filhos adolescentes que não saem do mundo virtual. Algumas consequências: desentendimentos, mágoas, perda do convívio familiar. Ora, o nosso Deus nos fez pessoas de “carne e osso” que se comunicam, nos fez seres sociais (Gn 2.18). A identidade do seguidor de Jesus passa obrigatoriamente na relação próxima e de bem estar com a outra pessoa (Jo 13.35). Nossas relações não podem ser descartáveis nem depender de um bloqueio ou não para sermos aceitos (Rm 2.11).

## **A rede social a serviço do Reino de Deus**

A Palavra de Deus diz que nós temos a mente de Cristo (1Co 2.16). Tudo o que fazemos é para a glória de Deus (1Co 10.31). Então, tudo o que postamos, comentamos, curtimos e compartilhamos precisa ter como pano de fundo as virtudes do Reino de Deus. Há um livro cujo título é “Em seus Passos o que faria Jesus?”. É a pergunta sincera que nós devemos fazer em tudo que agirmos. Procure meditar em Mateus cinco, seis e sete. Esses capítulos são denominados de “Sermão do Monte”. Aqui, está toda a ética do Reino de Deus. Quando aprendermos a viver essa ética, então, tudo o que fizermos nas redes sociais estará a serviço do Reino de Deus.

## **I. REDES SOCIAIS**

**1. O que é a rede social?** A expressão é usada para uma aplicação da rede mundial de computadores (*Web*), cuja finalidade é conectar e integrar pessoas. Os que aderem a um *site* de relacionamentos podem conectar-se entre si, criar um perfil, adicionar amigos e conhecidos, enviar mensagens, fazer depoimentos, trocar informações, fotos e vídeos, além de estabelecer vínculos. A rede social moderna surgiu no início do século XXI e viabilizou aos usuários o encontro de amigos do passado e a ampliação do círculo social.

**2. Uma oportunidade para o Evangelho.** A Bíblia mostra que o ser humano é por natureza um ser social e gregário (Gn 1.28,29). Tal sociabilidade também se manifesta intensamente na rede social, sendo, por isso mesmo, uma grande e rica oportunidade para se pregar o Evangelho. Uma vez que temos, da parte do Senhor Jesus Cristo, a ordem de levar o Evangelho por todo o mundo (Mt 28.19,20), os contatos que a rede social proporcionam devem ser ocasiões de discipular pessoas, momentos de se falar do amor de Deus bem como oferecer consolo com base na Palavra do Senhor aos desesperançados.

**3. O uso da rede social.** Como tudo na *Internet*, bem como nas tecnologias da informação, as redes sociais apresentam não apenas benefícios, mas também podem trazer danos para seus usuários. Lamentavelmente, não são poucos os que dizem professar o nome de Cristo, mas não o honram com seu perfil na rede social. Uns a utilizam como uma fonte de ostentação, outros se envolvem em discussões intermináveis que nenhuma edificação traz. A Bíblia, porém, nos recomenda que devemos evitar tais discussões (Tt 3.9). Tendo “a mente de Cristo” (1Co 2.16b) e cientes de que “todas as coisas” nos “são lícitas”, devemos viver o princípio de não permitir que nenhuma delas nos domine (1Co 6.12). Mais do que nunca, devemos usar de discernimento nesse mundo virtual, avaliando todas as coisas sob a ótica cristã.

### **Aspecto Teológico:**

“Você consegue imaginar, na atualidade, uma pessoa que não esteja conectada ao *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter* ou *Instagram*? Não conseguimos nem idealizar, pois nunca o acesso às redes sociais foi tão amplo. Entretanto quando o assunto é redes sociais, em geral os crentes ficam preocupados e as opiniões se dividem quanto ao seu uso. Alguns até creem que é pecado. Outros questionam: O cristão pode utilizar as redes sociais? Você não vai encontrar na Bíblia nenhum texto

bíblico que fale a respeito deste assunto, pois é uma atividade da vida moderna. Por não conhecerem o universo online, muitas pessoas acabam tendo um excesso de zelo, preocupação e enxergam somente os aspectos negativos do mundo virtual. Houve um tempo que o rádio também foi muito criticado, e algumas igrejas, proibiam seus membros de ouvi-lo. Tudo que é novo assusta, contudo como cristãos devemos evitar todo e qualquer radicalismo, pois o crente deve ser prudente, equilibrado em suas atitudes, palavras e até ponto de vista em relação ao uso das redes sociais não é diferente; precisamos utilizá-las com sabedoria, prudência e equilíbrio. A cada dia o número de brasileiros online vem aumentando e grande parte deste número é de crentes. A questão a ser discutida hoje é mais ampla: Como as pessoas estão se comportando nas redes sociais? Como você se comporta? O problema não são as redes sociais, mas como as pessoas se comportam nelas.

Para o cristão, todas as coisas são lícitas, mas nem tudo é proveitoso ou edificante (1Co 10.23; 16.12). Devemos fazer uso do universo online com prudência e discernimento; sejamos cuidadosos e tenhamos limites. Michael Palmer, no livro *Panorama do Pensamento Cristão*, diz que ‘os cristãos que veem a cultura de mídia de entretenimento têm de aprender a ler essas imagens e rejeitar as que são incompatíveis com os padrões cristãos e a Escritura’. Esse é o problema. Muitos crentes não conseguem fazer essa leitura. Precisam ser ensinados a fazer isso. Será que você faz essa leitura? Ou você ingere tudo sem questionamento?” (BUENO, Telma. **Adolescentes Vencedores: Vivendo em Sociedade**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2015, p.45).

## **II. O PERIGO DA RELAÇÃO DESCARTÁVEL E AS NOVAS TECNOLOGIAS**

A velocidade da informação e a efemeridade nos relacionamentos virtuais têm provocado sérios danos às relações sociais.

**1. A distorção da felicidade.** A Palavra de Deus nos adverte quanto aos que vivem uma vida de dissimulação e se ufanam de si mesmos (Is 5.20,21). A Bíblia mostra que esse é um caminho perigoso. Nas redes sociais, em geral, as pessoas publicam uma vida perfeita e um mundo repleto de felicidades. As redes estimulam a prática narcisista, ou seja, o indivíduo que admira exageradamente a própria imagem e que nutre uma paixão excessiva por si mesmo — a Bíblia condena essa atitude (Mc 12.30,31). Essas pessoas tendem a buscar uma felicidade fútil, em meio a fotos montadas e a sorrisos falsos.

Muitas vezes é uma vida de “faz de conta”. Apresentam o que não é verdadeiro. A Palavra de Deus não compactua com tal prática (Fp 4.8).

**2. O isolamento e a solidão.** Na década de 1990 pesquisadores chamaram atenção para o mal social denominado de “paradoxo da *internet*”. Trata-se da contradição de alguém ter vários relacionamentos virtuais e, ao mesmo tempo, a ausência de contato humano. Estudos recentes demonstram quanto maior a frequência no uso da *Internet*, aumenta o sentimento de solidão, problema acentuado pelas redes sociais — a Bíblia mostra a importância do companheirismo (Lc 10.1). O ser humano está sendo integrado à tecnologia, mas tratado como se fosse uma máquina. Essa falta de equilíbrio tem desencadeado crises emocionais, ansiedades e isolamentos. É uma “bolha” em que a realidade dá lugar à fantasia, como acontecia nos dias do profeta Jeremias (Jr 6.14).

**3. Relações sociais efêmeras.** Segundo um sociólogo polonês, a sociedade vive um momento de frouxidão nas relações sociais. Ele chama este fenômeno social de “modernidade líquida”. Os tempos são “líquidos” porque tudo muda tão rapidamente e nada é feito para durar, para ser “sólido” (Sl 90.9). Nas redes sociais, com apenas um clique é possível bloquear, deletar ou excluir as pessoas. E com outro clique, podemos aceitar, comentar e curtir as atividades de outras pessoas. Esse fenômeno representa um declínio das sólidas relações humanas, uma vez que por meio das tecnologias, a amizade, o amor e o respeito entre as pessoas são facilmente descartáveis. A vida de fato passa a ser vaidade de vaidades (Ec 1.2).

**4. A falsa sensação de privacidade.** Diversos usuários das redes sociais iludem-se com a sensação de privacidade e ficam expostos a toda espécie de constrangimentos. Comentários pessoais, sentimentos de foro íntimo; fotos e vídeos comprometedores saem da área do privado e se tornam públicos. Essa sensação de privacidade também favorece a prática do pecado viral (algo que se espalha rápido como um vírus) (Mt 24.12). Pode ser desde a reprodução e a retransmissão de pornografia até a divulgação de notícias falsas e difamatórias. A Palavra de Deus nos instrui a fugir dessas coisas (2Tm 2.22; Pv 16.28).

#### **Aspecto Teológico:**

“Que somos seres sociáveis não temos dúvida, mas o desejo de socialização é um projeto de Deus que talvez não seja tão conhecido. Essa premissa está inserida em Gênesis 1.27,28, quando no relato da criação Deus disse ao casal progenitor que crescesse e se multiplicasse.

[...] Mas a última descoberta que vem arrebanhando milhares de pessoas à solidão, é a *www.ponto.com*, a *Internet* através da rede mundial dos computadores.

Horas e horas são gastas diante do aparelho, privando as pessoas de se comunicar com seus familiares. Mas o problema da *Internet* é que ela oferece uma suposta comunicação — que nem de perto substitui a versatilidade de uma conversa cara a cara — mas, que tem gerado sérios transtornos com *sites* eróticos, salas de bate-papo entre aventureiros sexuais (sexo virtual) e outras tantas coisas nocivas à vida natural do ser humano.

O homem acaba sendo globalizado com o mundo e alienado localmente de si mesmo e do convívio familiar. É a inversão de valores como disse o Senhor Jesus Cristo em Mateus 16.26: 'Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?'

Portanto, a estratificação social não é a vontade de Deus para a humanidade, pois inequivocamente as evidências bíblicas mostram que Deus nos criou para adorá-IO, e não há possibilidade de isso acontecer se não desfrutarmos de comunhão uns com os outros (Mt 5.23,24), ou seja, é impossível ser cristão antes de sermos completamente humanos, isto é, relacionais" (CARVALHO, César Moisés. **Marketing para a Escola Dominical: Como atrair, conquistar e manter alunos na Escola Dominical**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2005, pp.34,35).

### **III. A REDE SOCIAL A SERVIÇO DO REINO DE DEUS**

A Igreja de Cristo precisa estar consciente quanto ao potencial das redes sociais e deve usá-la na propagação do Reino de Deus.

**1. O bom testemunho nas redes sociais.** Cristo ensinou que o cristão é a luz do mundo (Mt 5.14). Que essa luz deve resplandecer por meio das boas obras a fim de glorificar o nosso Pai que está nos céus (Mt 5.16). Desse modo, para o bom testemunho nas redes sociais o cristão não deve postar comentários negativos ou fazer pré-julgamento das pessoas. Deve tomar todo o cuidado, tendo a precaução com as fotos e os vídeos que publicar (seja vídeos ou fotos pessoais ou de terceiros). É importantíssimo avaliar o conteúdo, a coerência, o vocabulário e a ética cristã das mensagens antes de postar, comentar ou curtir em sua rede.

**2. O uso correto da evangelização.** A *Internet* é uma grande aliada na divulgação do Evangelho, porém alguns cuidados são necessários para não tornar a mensagem inócua. As postagens não podem ser grandes e os vídeos não podem ser demorados. A mensagem precisa ser clara, concisa e objetiva (Hb 2.1,2). Antes de compartilhar qualquer conteúdo com os amigos, devemos analisar a veracidade bíblica daquela mensagem e seu teor teológico-doutrinário. Em lugar de postagens com frases de efeito, ou de autoajuda e de confissões positivas, devem-se priorizar os versículos bíblicos. Ao reproduzir áudios e vídeos devemos verificar se não existe algo que possa causar escândalos. Também não se deve atacar a ninguém, apenas anunciar e confessar a Cristo (1Co 1.23,24).

### **Conclusão**

Estatísticas indicam que mais de um terço da população mundial está conectada à *Web* e interage por meio de redes sociais. Diante desses fatos a igreja precisa instruir seus membros no uso das novas tecnologias e buscar métodos de evangelização por meio das redes sociais. Para tanto, dizem as Escrituras “antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (2Co 4.2).

### **3) O CRISTÃO E O DINHEIRO**

O Senhor é a fonte de toda riqueza e tanto a prata quanto o ouro pertencem a Ele (Ag 2.8). Logo, as posses e os bens são concedidos ao ser humano por meio do nosso Deus. Assim, cada um prestará contas de tudo o que recebeu nesta vida para administrar (Rm 14.12), inclusive na esfera financeira (Mt 25.19). Veremos então, como podemos gerir melhor as nossas finanças.

Muitas vezes o Brasil viveu no “olho do furacão” com as crises financeiras que já abateram nossa nação. Segundo especialistas econômicos, o país esteve à beira de quebrar. Como tudo na vida, uns acreditam, outros não, terceiros não levam muito a sério. Mas independente de crenças políticas, ou de ideias mais heterodoxas, há um momento em que a realidade econômica se impõe. Infelizmente, muitos só conseguem despertar quando só restam medidas radicais para serem tomadas. Só acordam quando percebem que não conseguem comprar mais nada. Não conseguem crédito. O dinheiro não dá mais para

assumir as responsabilidades básicas. Sentimentos de vergonha, de indignação e de *stress* passam a dominar a pessoa. O caos está instalado.

Mas sabemos que esta não é uma tarefa fácil, pois a maioria possui uma consciência formada, o que se torna difícil a aceitação de mudanças de hábitos. Mudar costumes financeiros, então, é bem difícil. Entretanto, o melhor que temos a fazer é expor a teologia da vida equilibrada que o primeiro tópico da lição nos apresenta. Palavras como “equilíbrio”, “sobriedade”, “maturidade”, “domínio próprio” precisam ser trabalhadas com profundidade. Tais palavras trazem consigo o princípio bíblico de uma vida madura em Cristo. Nas epístolas do apóstolo Paulo esses princípios são trabalhados teologicamente de forma muito habilidosa. Nelas, o apóstolo nos faz lembrar que estamos peregrinando no caminho da jornada cristã com o objetivo de sermos aperfeiçoados e “para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12).

O nosso objetivo, portanto, deve ser este: convencer os irmãos, seguidores de Jesus Cristo, a viver uma vida sóbria, equilibrada e consciente. Ora, se uma pessoa está com a glicose muito alta, o que ela deve fazer? Equilibrar a taxa da glicose. Mas como? Tomando, em alguns casos, a medicação adequada (segundo a prescrição médica) e cortando o açúcar e os alimentos que se transformam em glicose em nosso organismo. Se a pessoa está com hipertensão arterial, o que deve ser feito? Controlar imediatamente a pressão. Mas como? Tomando a medicação adequada (segundo a prescrição médica) e evitando os alimentos que alteram a pressão arterial. Na vida financeira, o princípio é radicalmente o mesmo: é preciso mudar os hábitos, ou o caos estará instalado. Boa aula!

## **I. UMA TEOLOGIA PARA A VIDA FINANCEIRA**

O equilíbrio financeiro foge dos extremos da riqueza e da pobreza, e ainda possibilita uma vida desprovida de preocupações desnecessárias.

**1. Vida financeira equilibrada.** No livro de Provérbios estão registradas as palavras de Agur (Pv 30.1). Ele fez dois pedidos ao Senhor pelos quais almejava usufruir antes de sua morte (Pv 30.7). O primeiro pedido foi por uma vida íntegra, livre da vaidade e da falsidade (Pv 30.8a). O segundo foi uma vida financeira equilibrada: “não me dê nem a pobreza nem a riqueza” (Pv 30.8b). O motivo desse segundo pedido é explicado no versículo nove: “para que, porventura, de farto te não negue e diga: Quem é o SENHOR? Ou que, empobrecendo, venha a furtar e lance mão do nome de Deus”. Agur desejava dinheiro suficiente para uma vida digna que não o levasse a pecar. Ele não queria muito

dinheiro, objetivando, assim, evitar a soberba; mas também não desejava que lhe faltasse para não ser desonesto. Nesse propósito, ele apenas aspirava à porção necessária para cada dia (Pv 30.8c). Foi exatamente isso que Cristo nos ensinou a pedir: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11).

**2. O perigo do amor do dinheiro.** O apóstolo Paulo confirma que a vida moderada é o melhor caminho para fugir dos laços e das tentações das riquezas (1Tm 6.9). É fato que a cobiça pelo dinheiro corrompe os homens e os faz desviar da fé (1Tm 6.10). Entretanto, o texto bíblico mostra que o mal em si não está no dinheiro e sim no “amor do dinheiro”. O mal está em perder a comunhão com Deus e passar a depositar a confiança nas riquezas. A Bíblia revela que essa atitude foi empecilho de libertação na vida de muitos, como nos exemplos do jovem rico (Lc 18.23), de Judas Iscariotes (Lc 22.3-6), de Ananias e Safira (At 5.1-5) que valorizaram o dinheiro em detrimento da salvação. Portanto, mesmo que o Senhor nos permita enriquecer, o salmista nos adverte quanto ao pecado em relação às riquezas: “se as vossas riquezas aumentam, não ponhais nelas o coração” (Sl 62.10).

#### **Aspecto Teológico:**

“No contexto do mundo atual, em relação às coisas que movem o mundo, o dinheiro se destaca como algo eticamente difícil de ser administrado. A mordomia cristã implica instruir ao cristão quanto ao modo ético, decente e correto de lidar com o dinheiro. O dinheiro está diretamente ligado aos bens materiais. O cristianismo é, também, feito com coisas materiais e o dinheiro faz parte desse contexto. A doutrina da mordomia bíblica objetiva equilibrar esses dois elementos importantes do cristianismo, o material e o espiritual. Para que haja esse equilíbrio das partes, a mordomia, nada mais é, do que administrar adequadamente o dinheiro. Ela se preocupa com os métodos de aquisição, sua posse e a utilização do mesmo nas várias atividades da vida material. A administração do dinheiro pessoal ou público deve ser feita com critérios e responsabilidade. A subsistência das pessoas está diretamente ligada à aquisição de dinheiro. As organizações sociais e religiosas, os governos e outras instituições dependem do dinheiro para seu funcionamento. Administrá-lo correta e honestamente é de vital importância para o funcionamento de qualquer organização e para a consciência das pessoas” (CABRAL, Elienai. **Mordomia Cristã: Aprenda como servir melhor a Deus.** 1ª Edição. RJ: CPAD, 2003, pp.114-115).

## **II. MEIOS HONESTOS PARA GANHAR DINHEIRO**

Ganhar dinheiro não é pecado, mas uma necessidade indispensável. Trabalhar de modo honesto para o sustento de sua família é uma atitude altruísta.

**1. Trabalho e emprego.** Desde a queda no Éden, o homem precisa empregar esforços para obter os bens de que necessita para sobreviver. Disse Deus: “No suor do teu rosto, comerás o teu pão...” (Gn 3.19a). Assim, o trabalho passou a ser um meio legítimo para prover o sustento humano. O Senhor Jesus ensinou que “digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10.7 — **ARA**). Quando escreveu aos irmãos de Tessalônica, Paulo enfatizou que o trabalho é um meio digno de ganhar dinheiro (1Ts 2.9). Porém, no afã de obter o seu salário, o cristão não pode envolver-se com meios ilícitos ou criminosos (Pv 11.1; 20.10), nem tampouco explorar ou extorquir seu semelhante (Am 2.6). A responsabilidade individual de trabalhar para o próprio sustento é tão relevante que a Bíblia condena o preguiçoso (Pv 21.25; 22.13) e ainda assevera: “Se alguém não quiser trabalhar, não coma também” (2Ts 3.10).

**2. Escolarização e Mobilidade Social.** A sociedade é formada por classes sociais. A possibilidade de um cidadão trocar de classe é denominada “mobilidade social”. Um dos meios disponíveis para isso é a escolarização, ou seja, a educação acadêmica. A escolarização proporciona a capacitação profissional e o acesso a níveis superiores de ensino. Os que alcançam maior escolarização possuem maior probabilidade de encontrar empregos com bons salários. No entanto, o cristão precisa tomar cuidado na busca de seu aprimoramento intelectual para não ser enredado por meio de filosofias e vãs sutilezas (Cl 2.8). Precisa também ter em mente que não devemos buscar conhecimento por vanglória ou para nos considerar melhor que outros (Fp 2.3). Assim, o padrão bíblico está em usarmos a escolarização e a ascensão social para servir melhor o Reino de Deus (Fp 2.4,21; 1Co 10.32,33).

### **Aspecto Teológico:**

“As Escrituras dizem muitas coisas sobre a importância do trabalho. Em primeiro lugar, nossos esforços no trabalho são capazes de glorificar a Deus.

Em segundo lugar — é relacionado ao primeiro ponto — seja o que for que façamos nesta terra, incluindo o nosso comportamento no trabalho, será um testemunho para as outras pessoas. Por essa razão, Deus espera que sejamos diferentes, que nos salientemos no contexto do mundo em que vivemos e que façamos o nosso trabalho sem murmurações. O terceiro ponto é complexo. A Bíblia deixa claro que nosso trabalho é um dos veículos que Deus utiliza para suprir as necessidades. O seu

intento é que a nossa produtividade nos traga recompensas significativas, tanto tangíveis, como intangíveis. Em seu plano, a preguiça e a falta de produtividade resultam naturalmente em necessidades. Deus quer que estejamos em uma posição tal, que possamos desfrutar dos resultados do nosso trabalho. Podemos ter a certeza de que Ele seria capaz de nos conceder tudo aquilo de que necessitamos, sem qualquer esforço da nossa parte. Existem alguns exemplos em que Ele faz exatamente isto, quando sabe tratar-se de uma situação apropriada. Contudo Deus não pretende dar-nos um tipo de provisão diária, de tal forma que venhamos logo a tê-la como certa. A passagem em Mateus diz: ‘Buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas’. A palavra ‘primeiro’ implica uma ordem de prioridades. O nosso relacionamento com Deus deve ter a máxima prioridade — mas não é a única prioridade” (SALE, Frederick Jr. **Você & Deus no Trabalho: A ética profissional do cristão**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2001, p.31).

### **III. COMO ADMINISTRAR O DINHEIRO?**

A mordomia das finanças é de responsabilidade de todos os membros da família. A má gestão financeira provoca endividamento e constrangimentos desnecessários.

**1. Fidelidade na Casa do Senhor.** A boa administração financeira tem início com a fidelidade do cristão na entrega dos dízimos e das ofertas. O dízimo era praticado antes da Lei (Gn 14.18-20), requerido no período da Lei (Ml 3.7-10) e permaneceu em vigor na Nova Aliança (Mt 23.23; Lc 11.42). É mandamento da Lei e da Graça — da antiga e da nova dispensação. Entregar os dízimos significa devolver ao Senhor a décima parte de todos os nossos rendimentos. Já a oferta é extra ao dízimo. Tanto um quanto outro devem ser dados com alegria (2Co 9.7), amor, altruísmo e voluntariedade. O sentimento que deve predominar no coração do crente no momento da entrega solene é o da gratidão a Deus: “O povo se alegrou com tudo o que se fez voluntariamente; porque de coração íntegro deram eles liberalmente ao SENHOR; também o rei Davi se alegrou com grande júbilo” (1Cr 29.9 — **ARA**).

**2. Estabelecendo prioridades.** A Bíblia ensina que o dinheiro serve de proteção (Ec 7.12 — **ARA**). Contudo, o dinheiro somente será uma bênção se a família souber administrar os rendimentos. Estipular prioridades e metas a serem atingidas é o caminho mais fácil para aplicar habilidosamente os recursos e evitar o desperdício (Pv 21.5). As metas devem ser estabelecidas, obviamente, de acordo com as condições financeiras da família.

O planejamento evita aplicação do dinheiro em atividades supérfluas ou desnecessárias (Is 55.2). Nesse sentido, as prioridades devem ser ordenadas pela necessidade e urgência de cada situação. Assim, uma administração transparente e sincera demonstra temor de Deus na aplicação das finanças da família (1Tm 5.8).

**3. Evitando as dívidas.** A falha no estabelecimento de prioridades provoca o endividamento. Quando a família não planeja suas compras acaba por contrair dívidas acima de suas posses, assim, o lar passa a sofrer privações e se torna refém do credor, pois “o que toma emprestado é servo do que empresta” (Pv 22.7). O comprometimento da renda familiar acarreta uma série de outros prejuízos, tais como: impaciência, nervosismo e desavenças no lar. Para evitar essas desagradáveis situações é aconselhável comprar tudo à vista (Rm 13.8), não ser fiador de estranhos (Pv 11.15; 27.13), fugir dos agiotas (Êx 22.25; Lv 25.36) e ser fiel nos dízimos e nas ofertas (Mt 3.10,11).

#### **Aspecto Bibliológico:**

“Quando Abraão foi ao encontro de Melquisedeque, após a guerra dos reis orientais, entregou-lhe o dízimo de tudo. Pois como bom administrador que era, sabia muito bem: todos os seus haveres, de fato, não lhe pertenciam; tinham por dono o próprio Deus. Se Deus era o proprietário de tudo, deveria o patriarca consagrar-lhe uma parte de sua imensa riqueza, a fim de que o sumo sacerdote pudesse sustentar o culto ao Todo-Poderoso. Foi na entrega do dízimo a Melquisedeque que teve Abraão uma nova revelação do caráter de Deus. Naquele momento, conscientiza-se ele: tanto ele quanto a sua progênie estavam ordenados por Deus a ser uma nação santa, profética e sacerdotal. Não foi simplesmente um ato de doação; foi um encontro experimental do patriarca com o Senhor.

A mordomia exercida por Abraão é um perfeito modelo para os seus filhos na fé. Todas as vezes que entregamos o nosso dízimo à casa do tesouro, aprofundamos a nossa crença na providência de Deus” (ANDRADE, Claudionor de. **As Disciplinas da Vida Cristã: Como alcançar a verdadeira espiritualidade**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2008, p.107).

#### **Conclusão**

O cristão deve trabalhar honesta e diligentemente para suprir o sustento de sua família. Ele deve administrar bem seus recursos a fim de não pecar contra Deus e não expor a sua família ao vexame moral e privações. Devemos, em primeiro lugar, confiar que Deus suprirá todas as nossas necessidades

(Fp 4.7); em segundo, fazer todo o possível ao nosso alcance para bem administrar os recursos que Deus nos deu.

#### **4) O CRISTÃO E O ABORTO**

O tema do aborto implica agressão à dignidade humana e a inviolabilidade do direito à vida. Em nossos dias, muitos segmentos da sociedade se mostram favoráveis ou simpatizantes à prática do aborto. Acerca do assunto a Bíblia assegura que Deus é o autor e a fonte da vida (Gn 2.7; Jó 12.10), e somente Ele tem poder sobre a vida e a morte (1Sm 2.6). Aqui abordaremos o conceito de aborto, o embrião e o feto como seres humanos, os tipos de aborto e suas implicações éticas.

Um tema grave que infelizmente foi sequestrado por uma agenda política irresponsável. A questão do aborto não é meramente em relação ao corpo da mulher (do contrário o ser humano estaria voltado para si somente num profundo egoísmo), mas da vida de um casal, homem e mulher, que teve um filho. Muitas vezes o aborto é incentivado pela parte masculina; outras, até mesmo por pessoas que têm uma posição social importante e sentem-se ameaçadas por algum escândalo. Veja que o caso é mais sério do que pensamos.

Quando falamos de alguém, principalmente, o homem, que não tem a coragem de assumir a responsabilidade da paternidade, e expressa pressões contra a mulher para “tirar a criança”, trata-se de um quadro em que não há mais o temor de Deus. A pessoa que não tem a sensibilidade com o sofrimento feminino diante de uma gestação complexa, que em condição de normalidade já requer cuidados, perdeu de vista o que significa Evangelho. Então, qualquer tentativa de apelo para retroceder parece vã.

#### **I. ABORTO: CONCEITO GERAL E BÍBLICO**

**1. Conceito geral de aborto.** A palavra “aborto” é formada por dois vocábulos latinos: “*ab*” (privação) e “*ortus*” (nascimento), que juntos significam a “privação do nascimento”. O substantivo “aborto” é derivado do verbo latino “*aborior*” (falecer ou sumir), expressão que indica o contrário de “*orior*” (nascer ou aparecer). Assim, conceitualmente, o aborto é a interrupção do nascimento por meio da morte do embrião ou do feto. Esta interrupção pode ser involuntária ou provocada.

**2. O aborto no contexto legal.** O código de Hamurabi (1810-1750 a.C.) condenava o aborto. No código de Napoleão (1769-1821) era crime hediondo. No Código Criminal do Império no Brasil (1830)

era proibido. Hoje, a Legislação brasileira permite apenas nos casos de risco de morte à mulher, estupro e anencefalia. Nos demais casos o aborto ainda é crime (Art. 124, CP). No entanto, no Congresso Nacional, Projetos de Lei tramitam com a proposta de Legalizá-lo em qualquer caso.

**3. Conceito bíblico de aborto.** Na lei mosaica, provocar a interrupção da gravidez de uma mulher era tratado como ato criminoso (Êx 21.22-23). No sexto mandamento, o homem foi proibido de matar (Êx 20.13), que significa literalmente “não assassinar”. Os intérpretes do Decálogo concordam que o aborto está incluso neste mandamento. Assim, quem mata o embrião, ou o feto, peca contra Deus e contra o próximo.

**4. O aborto na história da Igreja.** “O ensino dos dez apóstolos” (século I), chamado de *Didaquê*, condena o aborto: “Não matarás o embrião por aborto e não farás perecer o recém-nascido” (Didaquê 2,2). O apologista Tertuliano (150-220) ensinou que a morte de um embrião tem a mesma gravidade do assassinato de uma pessoa já nascida e que impedir o nascimento é um homicídio antecipado. O polemista Agostinho (354-430) e o teólogo Tomás de Aquino (1225-1274) consideravam pecado grave interromper a gestação e o desenvolvimento da vida humana.

#### **Aspecto Lexográfico:**

“**Feitício.** O aborto é conhecido também como feitício, definido por *Houaiss* como o ‘crime no qual, através do aborto provocado, ocorre a morte do feto que se presume com a vida’. Se nos dermos ao trabalho de examinar a etimologia do vocábulo ‘feto’, constataremos que o aborto é um crime não somente hediondo, mas tremendamente covarde.

No latim, a palavra *fetus* significa pequenino. O *Dicionário Latino-Português* de F. R. dos Santos Saraiva define a palavra simplesmente como filho no ventre. O teólogo americano Willian Lane Craig aprofunda-se no significado do termo: ‘Assim, como eu digo, parece virtualmente inegável que o feto — que é apenas a palavra Latina referente a ‘pequenino’ — é um ser humano nos primeiros estágios do seu desenvolvimento. Seja um ‘pequeno’, um recém-nascido, um adolescente ou um adulto, ele é, em cada período, um ser humano nos diferentes estágios do seu desenvolvimento” (ANDRADE, Claudionor de. **As Novas Fronteiras da Ética Cristã**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2017, pp.53,54).

## **II. O EMBRIÃO E O FETO SÃO UM SER HUMANO**

Fecundação, embrião e feto são os nomes das três etapas da gestação.

**1. Quando começa a vida?** Muitos cientistas concordam que a vida tem início na fecundação, quando o espermatozoide e o óvulo se fundem gerando uma nova célula chamada “zigoto”. Outros defendem que a vida inicia com a fixação do óvulo fecundado no útero, onde recebe o nome de embrião — período entre o 7º e o 10º dia de gestação. Outros apontam o começo da vida por volta do 14º dia quando ocorre a formação do sistema nervoso. Tem ainda os que indicam o começo da vida quando o feto tem condições de se desenvolver fora do útero por volta da 25ª semana de gestação. E também os que defendem a ideia de que a vida só se inicia por ocasião do nascimento do bebê.

**2. O que diz a Bíblia?** Como as respostas humanas têm sido controversas, o cristão deve buscar a verdade na revelação divina. A Palavra de Deus ensina que a vida inicia na fecundação (Jr 1.5). O rei Davi descreve sua existência como ser vivo desde o início da concepção: “Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia” (Sl 139.16). Por conseguinte, de acordo com as Escrituras, a vida começa quando ocorre a união do gameta masculino ao feminino. Esta nova célula é um ser humano e possui identidade própria.

**3. Qual a posição da Igreja?** Apoiada nas Escrituras, a Igreja de Cristo defende a dignidade humana desde a concepção. Ensina que a vida humana é sagrada e não pode ser violada pelo homem (1Sm 2.6). Que toda ideologia que seculariza os princípios bíblicos deve ser combatida (2Tm 3.8). Sabiamente, a posição oficial das Assembleias de Deus no Brasil foi assim exarada: “A CGADB [Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil] é contrária a essa medida [aborto], por resultar numa licença ao direito de matar seres humanos indefesos, na sacralidade do útero materno, em qualquer fase da gestação, por ser um atentado contra o direito natural à vida” (*Carta de Brasília*, 41ª AGO, 2013).

### **A vida começa na concepção**

“A Bíblia nos informa sobre a origem da vida. Diz o Gênesis: ‘E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente’ (Gn 2.7). Depois que o homem estava formado, pelo processo especial da combinação das substâncias que há na terra, o Criador lhe soprou o fôlego da vida, dando início, assim, à vida humana. Entendemos, com base nesse fato, que, cada ser que é formado, a partir da fecundação, o sopro de vida lhe é assegurado pela lei biológica estabelecida por Deus”.

### **III. TIPOS DE ABORTOS E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS**

A legislação brasileira autoriza a interrupção da gravidez em três casos somente. Neste tópico apresentamos as principais implicações éticas para estes tipos de aborto.

**1. Aborto de Anencéfalo.** Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) legalizou a interrupção da gravidez de feto anencéfalo (má-formação rara do tubo neural). A principal implicação ética desta decisão está no descarte de um ser humano por apresentar uma má formação cerebral. Trata-se de uma ideologia racista chamada “eugenia” que defende a sobrevivência apenas dos seres saudáveis e fortes. Uma nítida incoerência de quem defende os direitos humanos e ao mesmo tempo age de modo discriminatório. Neste quesito enfatizam as Escrituras: para com Deus, não há aceção de pessoas (Rm 2.11).

**2. Aborto em caso de estupro.** Como não é necessária a comprovação do crime de estupro e nem autorização judicial para o aborto, a lei é permissiva e complacente com a interrupção da gravidez sob a alegação de estupro sem que ele tenha ocorrido. Assim, discute-se a inviolabilidade do direito à vida do nascituro (Art. 5º, CF e Art. 2º do CC). Outra questão ética relaciona-se ao fato de que um crime não pode justificar outro crime. Para os cristãos o ensino bíblico é claro: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12.21).

**3. Aborto Terapêutico.** Procura-se justificar clinicamente esta ação sob a alegação de que a vida de um adulto tem maior valor que a de um ser em gestação. Daí surge questões éticas quanto à valoração da vida humana. Uma pessoa merece viver e outra não? Tertuliano, em sua obra *Apologeticum* (197), ensinava que não existe diferença entre uma pessoa que já tenha nascido e um ser em gestação. Outra questão é acerca do poder sobre a existência. Podemos decidir quem deve viver ou morrer? Não afirmam as Escrituras que a vida e a morte são, unicamente, da alçada divina? (1Sm 2.6; Fp 1.21-24). Neste caso específico, ajamos com sabedoria, prudência e critério, nunca nos esquecendo da sacralidade da vida humana.

### **Conclusão**

A valorização da dignidade humana, o direito à vida e o cuidado à pessoa vulnerável são princípios e doutrinas imutáveis do Cristianismo. Em uma sociedade secularizada o cristão precisa tomar cuidado

com relativismo e estar alerta quanto às ações de manipulação de sua consciência e o desrespeito à vida humana (1Tm 4.1,2).

## **5) O CRISTÃO E A PENA DE MORTE**

A vida humana é o ponto de partida para os demais direitos da pessoa. Se o direito à vida não estiver assegurado torna-se impossível a existência dos outros valores. No entanto, em contradição a este pressuposto, temas relacionados à punição com pena de morte e o direito à eutanásia são frequentemente discutidos e aceitos na sociedade atual. Neste tópico estudaremos a presença da pena capital em ambos os testamentos bíblicos, a prática da eutanásia e suas implicações éticas na vida do ser humano.

Vivemos um momento de extremos em nosso país. Uns defendem a pena de morte. Outros são contra. O Brasil é um país que não tem uma tradição de pena capital institucionalizada. Por isso, ninguém sabe o que poderia acontecer caso um dia essa modalidade de punição fosse estabelecida em nosso arcabouço legal. Porém, é importante afirmar que em nosso país, conforme a Constituição Federal, a proibição da pena capital consta como cláusula pétrea, isto é, um princípio que jamais pode ser removido do texto constitucional, salvo quando a sociedade resolver elaborar outro documento constitucional; só então, a proibição poderá ser removida.

Ainda assim, não são poucas as pessoas que dedicam energia quanto à militância da causa. O motivo muitas vezes é a sensação de injustiça e de impunidade. Por isso, como ensinadores da Palavra de Deus, o nosso desafio é conceber a ideia de como o seguidor de Cristo deve se posicionar em relação ao assunto: o crente pode ser a favor da pena de morte? É possível conciliar o ensino de Jesus com a prática da eutanásia?

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que as Escrituras Sagradas não normatizam o assunto. Embora tenhamos o desenvolvimento da pena capital no Antigo Testamento, bem como as exceções disponíveis no documento antigo, temos o problema da aplicação de uma lei de um estado teocrático para os nossos dias. Em segundo lugar, embora o apóstolo Paulo reconheça a pena capital como medida legítima do estado romano para punir os fora da lei, ele não normatiza a prática em o Novo Testamento. Ainda temos o exemplo de Jesus Cristo, que perdoou a mulher adúltera, ao fim do sofrimento dEle na cruz, o Mestre rogava: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc

23.34). Se há um assunto que é normatizado ao longo das Escrituras, e chancelado pelo nosso Senhor, é o de promover o perdão.

O perdão está no âmago da mensagem cristã (Mt 5.38-48; 18.21-35). O perdão dos nossos pecados nos trouxe a salvação. Por isso, não podemos perder de vista essa maravilhosa verdade acerca do perdão. Entretanto, não nos insurgimos contra a legitimidade de o Estado implementar esse estágio de punição, mas pontuamos que não é coerente ao crente ser um militante dele.

## **I. A PENA DE MORTE NAS ESCRITURAS**

O Antigo Testamento prescreve a pena de morte. O Novo Testamento reconhece a existência da pena capital, mas não normatiza o assunto.

**1. No Antigo Testamento.** No pacto com Noé e na Lei de Moisés a pena de morte aparece como punição retributiva: “sangue por sangue e vida por vida” (Gn 9.6; Êx 21.23). Um dos propósitos era punir com a morte o culpado por assassinato premeditado (Êx 21.12). Essa prescrição não contraria o sexto mandamento, pois o verbo hebraico *rātsah* presente na expressão “Não matarás” (Êx 20.13), significa “não assassinarás”, isto é, proíbe efetivamente o homicídio doloso ou qualificado. Então, ao indivíduo era proibido matar, e, quando alguém matava, a lei exigia que o Estado fizesse justiça. Para o devido processo legal ao menos duas testemunhas eram requeridas para a efetivação do processo (Dt 17.6). Assim, a morte do homicida era vista como justiça contra a impunidade. Porém, havia exceções. Quando Davi adulterou e premeditou a morte de Urias, a pena não foi aplicada ao monarca (2Sm 11.3,4,15; 12.13). Neste caso, Deus tratou pessoalmente do pecado do Rei (2Sm 12.10-12).

**2. No Novo Testamento.** Aos Romanos, Paulo constata a legalidade da pena de morte e a legitimidade do Estado em usar a espada como punição ao transgressor (Rm 13.4). No entanto, o apóstolo não normatiza a aplicação da pena, não ordena e nem proíbe, apenas reconhece a existência da lei como dispositivo punitivo. O evangelista João registrou o caso da mulher apanhada em adultério (Jo 8.4). Os escribas e fariseus exigiram o parecer de Jesus sobre a aplicação da pena de morte para a adúltera (Jo 8.5). Entretanto, os acusadores comportaram-se de modo parcial trouxeram somente a mulher para ser julgada, enquanto a lei exigia a presença das testemunhas e também do adúltero (Nm 35.30; Lv 20.10). Cristo se recusou a participar deste juízo temerário e ilegítimo. Absolveu a mulher da punição, a perdoou e a exortou a deixar o pecado (Jo 8.11).

### Aspecto Teológico:

Infelizmente, está na moda tomarem o exemplo do perdão de Jesus para justificar uma pessoa que vive na prática do pecado. Não por acaso, é comum em nome do “amor” defenderem, por exemplo, uma pessoa na prática da prostituição. Anunciar o Evangelho de amor sem o apelo ao arrependimento de pecado não é apresentar o Evangelho inteiro. Nesse sentido, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* contribui muito sobre o tema: “**NEM EU TE CONDENO**. A atitude de Jesus para com essa mulher revela seu propósito redentor para a humanidade (3.16). Ele não a condena como pessoa indigna do perdão, mas a trata com bondade, clemência e paciência, para levá-la ao arrependimento. Há salvação para ela, uma vez que renuncie ao adultério e volte para seu próprio marido (Lc 7. 47). (1) Seria, no entanto, mais do que blasfêmia dizer que estas palavras de Cristo mostram que Ele considera trivial o pecado de adultério e a indescritível mágoa e miséria que ele provoca para os pais e seus filhos. (2) O que Cristo ofereceu a essa mulher foi a salvação e o livramento da sua vida de pecado (v.11). A condenação e a ira de Jesus seriam a porção futura, caso ela recusasse a arrepender-se e ingressar no reino de Deus (Rm 2.1-10)”

## II. EUTANÁSIA: CONCEITOS E IMPLICAÇÕES

**1. O conceito de eutanásia.** Etimologicamente a palavra “eutanásia” tem origem em dois termos gregos: *eu* com o significado de “boa” ou “fácil” e, *thánatos*, que significa “morte”. A junção destes dois termos resulta na expressão “boa morte”, também conhecida como “morte misericordiosa”. O vocábulo foi inicialmente usado pelo filósofo inglês Francis Bacon (1561-1627). No sentido técnico, a “eutanásia” significa antecipar ou acelerar a morte de pacientes em estágio terminal ou que estejam padecendo de dores intensas em consequência de alguma doença incurável. É o ato de matar o doente para não prolongar o grave quadro de seu sofrimento e de seus familiares. As formas usadas podem ser classificadas em eutanásia passiva ou ativa. A primeira consiste em desligar as máquinas e aparelhos que mantêm o paciente vivo e a segunda requer a aplicação de qualquer droga que possa acelerar o processo de morte.

**2. As implicações da eutanásia.** A prática da eutanásia tem implicações de ordem legal, moral e ética. Nos aspectos legais, a *Constituição Brasileira* assegura a “inviolabilidade do direito à vida” (Art. 5º). Assim, a “eutanásia” é tipificada como crime no *Código Penal Brasileiro* (Art. 122). No entanto,

tramita no Senado Federal o Projeto de Lei nº 236/12 (*Novo Código Penal*) onde o juiz poderá deixar de aplicar punição para quem cometer a eutanásia seja ela passiva ou ativa. Nas questões de ordem moral nos deparamos com a violação do sexto mandamento “*Não matarás*” (Êx 20.13), e, quando a “eutanásia” é consentida pelo paciente, surge o problema do pecado de suicídio. Pergunta-se ainda: a quem mais interessa a eutanásia? Ao paciente ou ao seu Plano de Saúde? As motivações parecem ser mais económicas que humanitárias. As indagações éticas podem ser assim resumidas: É lícito exterminar pessoas doentes? Quem tem poder para decidir sobre a morte?

### **Aspecto Teológico:**

“Mostremos, pois, que Deus tem um firme compromisso com a pessoa humana, desde a concepção à morte natural. Nesses tempos difíceis e trabalhosos, que jamais nos refugiemos no politicamente correto. Antes, explicitemos a nossa posição como sal da terra e luz do mundo. Todos deverão de saber que somos contra o aborto e a eutanásia, pois a vida é sagrada aos olhos de Deus.

Se a Bíblia em algum momento fala de uma morte boa e desejável, certamente não é a eutanásia. A única morte desejável e boa que encontramos na Palavra de Deus é o morrer na esperança cristã, conforme realça o apóstolo Paulo: ‘Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro’ (Fp 1.21)” (ANDRADE, Claudionor de. **As Novas Fronteiras da Ética Cristã**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2017, p.59).

### **O conceito de morte**

“**Morte.** Os dicionários definem a morte como a cessação definitiva da vida. O fim da existência humana, porém, não cabe numa definição tão simplista. No campo da ética, somos constrangidos a lidar com uma questão intrigante e perturbadora: Será que a pessoa encerra-se apenas quando seus sinais vitais já não são percebidos? A questão é complexa. Os dilemas éticos daí decorrentes obrigam-nos a constatar a falência encefálica de um enfermo antes mesmo da cardíaca”. Para conhecer mais leia **As Novas fronteiras da Ética Cristã**, CPAD, p.105.

## **III. A VIDA HUMANA PERTENCE A DEUS**

**1. A fonte originária da vida.** A Bíblia ensina que Deus trouxe o universo à existência (Gn 1.1) e que Ele próprio sustenta todas as coisas (Hb 1.3). Deus não criou somente a matéria, mas criou também toda a espécie de seres vivos, bem como o ser humano (Gn 1.21-27; Cl 1.16). A humanidade, como obra prima, é uma criação especial e distinta. Deus a criou sua imagem e semelhança (Gn 1.27),

característica não dada a outra criatura. A vida humana passou a existir por causa da vontade do Altíssimo, bem como permanece agora: “todas as coisas subsistem por Ele” (Cl 1.17). O Criador tem o controle soberano de toda a vida (Dt 32.39; Lc 12.7), e esta tem origem Nele: “pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração e todas as coisas” (At 17.25). Portanto, o Deus vivo é a fonte originária da vida e só Ele tem autoridade exclusiva para concedê-la ou tirá-la (1Sm 2.6).

**2. O caráter sagrado da vida.** A vida humana é sagrada porque a sua origem é divina. Por conseguinte, existe a proibição de alguém tirar intencionalmente a vida de outro ser humano (Êx 20.13). A dignidade da vida humana deve ser protegida e preservada antes e depois do nascimento, desde o momento da concepção até o seu último instante de vida (Sl 139.13-16; 116.15). A vida deve ser respeitada e valorizada como dádiva divina (2Pe 1.3). No caso de alguma enfermidade, o paciente tem o direito de receber tratamento adequado tanto na busca da cura como no alívio de suas dores. Procedimentos dolorosos e ineficazes podem ser evitados a fim de resguardar a dignidade humana, porém, exterminar a vida é uma afronta ao Príncipe da Vida (At 3.15). Se a vida é sagrada por ocasião da concepção, logo, não poderá deixar de sê-la em seu derradeiro dia. Buscar a morte como alívio para o sofrimento é decisão condenada nas Escrituras. Jó, por exemplo, embora sofrendo dores terríveis, reconheceu o caráter sagrado da vida e não aceitou a sugestão de sua esposa em amaldiçoar a Deus e morrer (Jó 2.9). Por fim, o patriarca enalteceu a soberania divina sobre a existência humana (Jó 42.2).

#### **Aspecto Teológico:**

A vida humana é sagrada porque sua fonte originária é Deus. Essa perspectiva deve ser encarada pelo crente, não somente no início da vida e no final dela, mas nela toda, pois “não podemos nos conformar com uma ética que se chama cristã e que se preocupa simplesmente em construir pessoas abstinências e castas, ou que lute e defenda a vida apenas em seu início (contra o aborto) ou no fim (contra a eutanásia). Precisamos de uma ética que se preocupe com a vida em sua integralidade, durante toda a existência da pessoa. Somente uma ‘ética do cuidado’, lembrando-nos de que o ‘cuidado que Cristo tem para com toda a humanidade é, agora, o cuidado que a pessoa cristã tem para com todo ser humano e com toda a criação’, que valoriza a vida acima das coisas, é digna de nossa observação e prática, posto que esta é uma Ética de Cristo, que nos transforma em ‘Cristo para os outros’, para o próximo e, sobretudo, ao necessitado” (CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para**

**a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência do Educação a Pessoas não Especializados.** RJ: CPAD, 2015, p.84).

### **Conclusão**

A vida humana, sua sacralidade e dignidade, têm origem em Deus. Atentar contra esse dom divino é colocar-se contra a soberania de Deus, o autor da vida. O poder absoluto sobre a vida e a morte pertence a Deus. A atual ideologia que propaga o direito do homem em exterminar a própria vida, ou a do outro, viola o propósito divino (Jo 10.10).

## **6) O CRISTÃO E A SEXUALIDADE**

Se por um lado a sexualidade tem sido desvirtuada na sociedade pós-moderna, por outro lado alguns cristãos insistem em tratar o assunto como tabu. Embora o tema possa trazer desconforto para alguns, a sexualidade humana não pode ser subestimada. Por isso, estudaremos o conceito da sexualidade, o propósito do sexo segundo as Escrituras e o casamento como o parâmetro para o sexo.

O objetivo é estudarmos o conceito da sexualidade, o propósito do sexo de acordo com as Sagradas Escrituras e o casamento como o parâmetro legítimo para o sexo. Aqui, é importante dar o devido respeito e decoro ao tema.

### **O conceito**

Em primeiro lugar é importante diferenciar e explicar o sexo de sexualidade. Esses dois conceitos são importantes, pois é aqui que os formadores de opinião secular tentam deformar a mente, principalmente dos adolescentes e dos jovens, a partir da desconstrução do gênero. Ora, se o sexo é a conformação física, orgânica e celular que permite distinguir o sistema reprodutor masculino do feminino, a sexualidade já parte de uma perspectiva psicológica em que destaca o comportamento humano com relação às manifestações da libido. Aqui, a ideologia de gênero distorce a realidade. Como acontece com a sexualidade, para essa ideologia, o gênero é construído superficialmente por meio do contexto sócio-cultural, por isso, ele é relativizado. Entretanto, é notório que, na maioria dos casos, os gêneros acompanham naturalmente os determinantes biológicos constatados por meio dos sexos (que distingue o aparelho reprodutor masculino do feminino), assim como a sexualidade. Ou alguém (em “sã consciência”) ousaria discordar que o aparelho reprodutor, a anatomia, a psicologia, e

muitas outras características humanas são diametralmente opostas entre si e que se distinguem claramente o masculino do feminino?!

### **O propósito do sexo**

Pense agora na anatomia do corpo do homem e na da mulher. É uma obviedade esta constatação: o corpo do homem só se encaixa sexualmente com perfeição no corpo da mulher; o corpo da mulher só se encaixa perfeita e sexualmente no corpo do homem; o corpo do homem encaixado sexualmente ao corpo de outro homem é uma relação desajustada e imperfeita; o corpo de uma mulher encaixado sexualmente no corpo de outra mulher é uma relação imperfeita e desajustada. A teologia da criação presente no livro do Gênesis é uma “obviedade escandalosa” que a mentalidade moderna não suporta. É nesse encaixe óbvio que o homem e a mulher se realizam completamente. Expandem a família, se satisfazem prazerosamente e realizam-se como homem e mulher. Eis o propósito óbvio e bíblico do sexo.

## **I. SEXUALIDADE: CONCEITOS E PERSPECTIVAS BÍBLICAS**

Sexo e sexualidade possuem conceitos próprios, pois ambos constituem-se atos da criação divina.

**1. Conceito de Sexo e Sexualidade.** A biologia define “sexo” como um conjunto de características orgânicas que diferenciam o macho da fêmea. O sexo de um organismo é definido pelos gametas que produzem. Gametas são células sexuais que permitem a reprodução dos seres vivos. O sexo masculino produz gametas conhecidos como “espermatozoides” e o sexo feminino produz gametas chamados “óvulos”. A expressão “sexo” ainda pode ser usada como referência aos órgãos sexuais ou a prática de atividades sexuais. Já o termo “sexualidade” representa o conjunto de comportamentos, ações e práticas dos seres humanos que estão relacionados com a busca da satisfação do apetite sexual, seja pela necessidade do prazer ou da procriação da espécie.

**2. O sexo foi criado por Deus.** No ato da criação Deus fez o homem e a mulher sexualmente diferentes: “macho e fêmea os criou” (Gn 1.27). Portanto, o sexo faz parte da constituição anatômica e fisiológica dos seres humanos. Homens e mulheres, por exemplo, possuem órgãos sexuais distintos que os diferenciam sexualmente. Sendo criação divina, o sexo não pode ser tratado como algo imoral ou indecente. As Escrituras ensinam que ao término da criação “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis

que era muito bom” (Gn 1.31). Desse modo, o sexo não deve ser visto como algo pecaminoso, sujo ou proibido. Tudo o que Deus fez é bom. O pecado não está no sexo, mas na perversão de seu propósito.

**3. A sexualidade é criação divina.** Ao criar o homem e a mulher, Deus também criou a sexualidade: “E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra...” (Gn 1.28). O relacionamento sexual foi uma dádiva divina concedida ao primeiro casal, bem como às gerações futuras: “deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2.24). Sempre fez parte da criação original de Deus a união sexual entre o homem e a sua mulher, formando assim, ambos uma só carne. O livro poético de Cantares exalta a sexualidade e o amor entre o marido e a sua esposa (Ct 4.10-12). Portanto, não é correto “demonizar” o desejo e a satisfação sexual. Assim como o sexo, a sexualidade também não é má e nem pecaminosa. O pecado está na depravação sexual que contraria os princípios estabelecidos nas Escrituras Sagradas.

#### **Aspecto Teológico:**

“[...] O Cristianismo não está só quando coloca implicações religiosas no sexo. No mundo antigo a prostituição religiosa celebrava a fertilidade da natureza. No outro extremo, o celibato ainda é adotado como vocação religiosa. Mais pertinente ao sexo é o rito da circuncisão no Antigo Testamento, adotado como sinal de que a aliança de Deus estava sobre os filhos de Abraão, de geração em geração. Os próprios órgãos genitais deviam ser uma lembrança permanente de que a sexualidade é concedida pelo Senhor e que somos responsáveis perante Ele pelo uso do sexo.

A união sexual e a reprodução fazem parte da criação e foi ordenada por Deus desde o princípio, pela instituição do casamento. O sexo não pode ser retirado desse contexto e tratado de forma meramente biológica ou psicológica, como ocorre na sociedade contemporânea. Seu principal significado não deve ser encontrado em si mesmo, no ato, na experiência ou mesmo em suas consequências sociais. Como em qualquer coisa vista teisticamente, seu significado principal deve ser encontrado em relação a Deus e seus propósitos” (HOLMES, Arthur F. *Ética: As decisões morais à luz da Bíblia*. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2000, p.129).

## **II. O PROPÓSITO DO SEXO SEGUNDO AS ESCRITURAS**

**1. Multiplicação da espécie humana.** A finalidade primordial do ato sexual refere-se à procriação. Deus abençoou o primeiro casal e disse-lhes: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra” (Gn 1.28).

Tal como o Criador ordenara a procriação dos animais (Gn 1.22), também ordenou a reprodução do gênero humano. Neste ato, Deus concedeu ao ser humano os meios para se multiplicar, assegurando-lhe a dádiva da fertilidade. Depois da queda no Éden (Gn 3.11,23), e a conseqüente corrupção geral (Gn 6.12,13), o Altíssimo enviou o dilúvio como juízo para eliminar o gênero humano (Gn 6.17), exceto Noé e sua família (Gn 7.1). Passado o dilúvio, Noé recebeu a mesma ordem recebida por Adão: “E abençoou Deus a Noé e a seus filhos e disse-lhes: frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra” (Gn 9.1). A terra, que outrora fora despovoada, agora deveria ser repovoada por Noé a fim de dar continuidade aos desígnios divinos (Gn 3.15, cf. Rm 16.20).

**2. Satisfação e prazer conjugal.** Por muito tempo ensinou-se que a procriação era o único propósito da relação sexual. O Concílio de Trento (1545-1563) disciplinou a prática sexual com fins exclusivos de reprodução e proibiu o sexo aos domingos, nos dias santos e no jejum quaresmal. Não obstante, a Bíblia também se refere ao sexo como algo prazeroso e satisfatório entre o marido e a sua esposa: “Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade...” (Pv 5.18,19); e ainda: “Goza a vida com a mulher que amas” (Ec 9.9). Assim, na união conjugal, como também ensina o Novo Testamento, o homem e a sua mulher devem buscar a satisfação sexual (1Co 7.5).

**3. O correto uso do corpo.** No ato sexual ocorre a fusão de corpos: “Assim não são mais dois, mas uma só carne” (Mt 19.6). O sexo estabelece um vínculo tão forte entre os corpos que os torna uma só pessoa. Como os nossos corpos são membros de Cristo (1Co 6.15), e templo do Espírito Santo (1Co 3.16), as Escrituras proíbem o uso do corpo para práticas sexuais ilícitas (1Co 6.16). São condenadas, dentre outras, as relações incestuosas (Lv 18.6-18), o coito com animal (Lv 18.23), o adultério (Êx 20.14) e a homossexualidade (Rm 1.26-27). O corpo não pode servir a promiscuidade (1Co 6.13), mas deve glorificar a Deus, o nosso Pai (1Co 6.20).

### **Aspecto Teológico:**

**“Por que Deus criou o sexo?”** A Bíblia nos dá três razões específicas para o sexo:

#### **1. Procriação**

Provavelmente você já conhece a primeira razão por que Deus criou o sexo. Chama-se procriação. Em Gênesis 1.28, Deus revelou a Adão e Eva seu propósito para o sexo quando disse: ‘Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a’. Deus nos deu uma capacidade de criar vida semelhante

a dEle por meio do ato sexual. O início desse versículo nos conta que Deus pretendia que os resultados do sexo fossem uma bênção.

## **2. Unidade**

Como seres humanos, somos dotados de um profundo desejo por intimidade. Ansiamos por nos unir a outros seres humanos e a Deus. O Senhor nos criou com esse desejo. Parte do seu projeto para o sexo inclui satisfazer essa necessidade de relacionar-se de modo pessoal. Está provado cientificamente que o sexo cria um laço entre duas pessoas, mas os níveis mais profundos de união e intimidade só podem ser atingidos com a busca pelo plano de Deus para o sexo. Gênesis 2.24 diz: ‘Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-à à sua mulher, e serão ambos uma carne’. Essa passagem fala sobre o vínculo entre marido e mulher fortalecendo-se a ponto de eles se tornarem uma só carne. O escritor de Gênesis sabia intuitivamente o que a ciência confirmou há pouco tempo. Pesquisadores descobriram um hormônio chamado ‘ocitocina’, ou ‘hormônio do amor’. A ocitocina é uma substância química que nosso cérebro libera durante o sexo e a atividade que precede o ato. Quando essa substância é liberada, produz sentimentos de empatia, confiança e profunda afeição. Cada vez que você faz sexo, seu corpo sofre uma reação química que lhe diz para ‘apegar-se’. Deus criou os meios para satisfazer nosso desejo por intimidade em um nível biológico.

## **3. Recreação**

Uma das razões por que Deus criou o sexo foi para o nosso prazer. Vemos isso claramente em Provérbios 5.18,19: ‘Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, como a cerva amorosa e gazela graciosa; saciem-te os seus seios em todo o tempo; e pelo seu amor sê atraído perpetuamente’. Essa passagem fala de um marido sendo satisfeito pelo corpo de sua esposa. O texto original pode ser lido como: ‘Que você fique inebriado pelo sexo com ela’. Deus planejou o sexo para ser divertido e prazeroso. Está claro que Deus criou o sexo para o nosso benefício e para sua glória. Quando se desfruta o sexo de acordo com o plano divino, o resultado é maravilhoso. Quando saímos dos limites estabelecidos por Deus para nossa vida sexual, o prazer diminui, a intimidade é rebaixada, e as bênçãos que Deus planejou como resultados de nossos encontros sexuais podem se deteriorar” (MCDOWELL, Josh; DAVIS, Erin. **Verdade Nua & Crua: Amor, sexo e relacionamento**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 2011, pp.20-23).

## **Prevenção moral**

“Não permitamos que o adultério, a prostituição, o homossexualismo, o aborto e a injustiça, nos invadam os lares pelos meios de comunicação. Levantemo-nos contra tais fortalezas. Forcemos os portais do inferno até que as suas trancas se arrebetem”. Para conhecer mais leia **As Novas Fronteiras da Ética Cristã**, CPAD, p.230.

### **III. O CASAMENTO COMO LIMITE ÉTICO PARA O SEXO**

O casamento é o legítimo limite ético dos impulsos sexuais que podem ser satisfeitos sem que se incorra em atos pecaminosos.

**1. Prevenção contra a fornicação.** A fornicação está relacionada ao contato sexual entre pessoas solteiras, ou seja, não casadas. Para prevenir este pecado, o apóstolo Paulo orienta os cristãos a se casarem: “por causa da prostituição [ou fornicação], cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido” (1Co 7.2). Os ensinamentos de Paulo ratificam o propósito divino do casamento, ou seja, “um homem para cada mulher” (Gn 2.24). Este princípio também foi defendido por Jesus: “deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher” (Mt 19.5). Deste modo, a legitimidade cristã para a satisfação dos apetites sexuais entre um homem e uma mulher restringe-se ao casamento monogâmico heterossexual (1Co 7.9). Toda prática sexual realizada fora destes moldes constitui-se em sexo ilícito.

**2. O casamento e o leito sem mácula.** As Escrituras ensinam que o casamento é digno de honra (Hb 13.4) e que a união conjugal deve ser respeitada por todos (Mt 19.6). O leito conjugal não pode ser maculado por ninguém. Quem o desonrar não escapará do juízo divino (Hb 13.4b). Aqui a desonra refere-se ao uso do corpo para práticas sexuais ilícitas com ênfase nos casos de relações extraconjugais (1Co 6.10). Inclui também as relações conjugais resultante de divórcios e de segundo casamentos antibíblicos (Mt 19.9). Embora, muitas vezes, os imorais escapem da reprovação humana, não poderão fugir da ira divina (Na 1.3). A práxis da sociedade e a condescendência de muitas igrejas não invalidam a Palavra de Deus.

#### **Aspecto Bibliológico:**

“A intimidade sexual é limitada ao matrimônio. Somente nesta condição ela é aceita e abençoada por Deus. Mediante o casamento, marido e mulher tornam-se uma só carne, segundo a vontade de

Deus. Os prazeres físicos e emocionais normais, decorrentes do relacionamento conjugal fiel, são ordenados por Deus e por Ele honrados.

O adultério, a fornicação, o homossexualismo, os desejos impuros e as paixões degradantes são pecados graves aos olhos de Deus por serem transgressões da lei do amor e profanação do relacionamento conjugal. Tais pecados são severamente condenados nas Escrituras e colocam o culpado fora do reino de Deus.

Imoralidade e a impureza sexual não somente incluem o ato sexual ilícito, mas também qualquer prática sexual contra outra pessoa que não seja seu cônjuge” (**Bíblia de Estudo Pentecostal**. 1ª Edição. RJ: CPAD, 1995, p.1921).

### **Conclusão**

O sexo e a sexualidade são atos da criação divina e não podem ser tratados como algo pecaminoso e nem como mero elemento de procriação ou fonte de prazer. Cabe ao cristão cumprir o propósito estabelecido por Deus para a sexualidade (Gn 2.24). O desvirtuamento desse padrão implicará punição aos que praticam a imoralidade (Hb 13.4). Portanto, vivamos para a glória de Deus!

## CONCLUSÃO

Assim como qualquer outra coisa que parta do indivíduo, que seja produzido por seu íntimo ou suas ações externas, a ética e a moral não podem salvar a ninguém.

Consideramos que ambas são resultantes de uma vida alcançada pela graça de Deus, por meio da fé, e isso não pode ser atribuído a nenhum de nós e a nenhuma de nossas obras, é indiscutivelmente um dom de Deus. No entanto, a salvação pela graça produz no indivíduo uma nova natureza voltada ao bem estar individual e coletivo.

Essa nova natureza, de acordo com o texto bíblico, não se encontra mais debaixo da lei do pecado, que é o grande gerador da imoralidade, da injustiça, da violência e do ódio.

Apesar de todo esse conteúdo sobre ética e moral, concordamos com o nazareno que disse que toda a lei se resume a duas coisas: amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Que o Senhor te abençoe e te faça a cada dia mais sábio!

## REFERÊNCIAS GERAIS

- ABBAGNANO, Nicola. Moral. *In*: ABBAGNANO, Nicola. Moral. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012a, p. 795.
- ABBAGNANO, Nicola. Moralidade. *In*: ABBAGNANO, Nicola. Moralidade. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012b, p. 795.
- ABBAGNANO, Nicola. Moralismo. *In*: ABBAGNANO, Nicola. Moralismo. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012c, p. 795.
- ABBAGNANO, Nicola. Ética. *In*: ABBAGNANO, Nicola. Ética. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012c, p. 442-451.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- COMPARATO, Fábio Konder. **Ética**: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra?** Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **De la division du travail social**. Presses universitaires de France, 1978.
- GEISLER, Norman L. **Ética cristã**: alternativas e questões contemporâneas. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.
- ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência Vol. I**: da antiguidade ao renascimento científico. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- RUSSEL, Bertrand. **História da Filosofia ocidental**: a Filosofia antiga - livro I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SIDGWICK, Henry. **História da ética**. São Paulo: Ícone Editora, 2010.

TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LIMA, Elinaldo Renovato de. **Ética Cristã: Confrontando as Questões Morais do Nosso Tempo**. 9ª Edição. RJ: CPAD, 2015.

TODO MATERIAL FOI PREPARADO E CEDIDO PELO PR. MAURÍLIO RIBEIRO DA SILVA - Doutor e mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. sgmaurilio@gmail.com

**OBS:**

**É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.**